pelas vias DO TEXTO

Copyright by © 2023
Wilbett Oliveira et al,

© backgrounds: *by Freepik*

Projeto editorial:
Wilbett Oliveira

Diagramação:
Editora Cajuína

Revisão:
Dos autores

Preparação dos originais:
Lygia Caselato

1ª edição: outubro 2023
Permitida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou qualquer meio eletrônico ou mecânico, sem permissão expressa dos autores desde que seja citada corretamente (Lei 9.610, de 19.02.98).

editora cajuína

Home page: www.cajuinaeditora.com.br
Email: contato@editoracajuina.com.br

[CIP]
Catalogação-na-Publicação

O48p Oliveira, Wilbett .-
Pelas vias do texto: resenhas e artigos. Wilbett Oliveira [Organizador]. 1ª ed. São Paulo: Editora Cajuína, 2023.

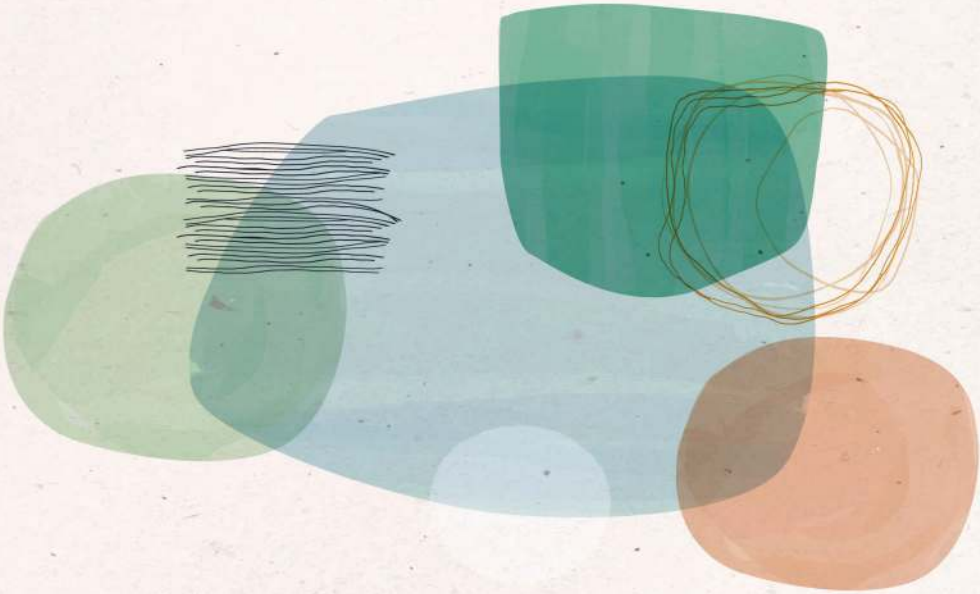
ISBN 9786585121613 (IMPRESSO
ISBN 9786585121620 (PDF)

1. Literatura, 2. Resenhas. 3. Ensaios. 4. Linguística. 5. Filosofia
I Wilbett Oliveira II. Título

CDD 869.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura: B869.4
2. Artigos B869.4

pelas vias DO TEXTO



Adelto Gonçalves
Arturo Gouveia
Cícero Émerson do N. Cardoso
Ester Abreu V. Oliveira
Flávio R. Kothe
Joel Cardoso
José Augusto Carvalho
Luiz Eduardo de Carvalho
Rodrigo da Costa Araujo
Wilbett Oliveira

editora cajuína



O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza.

[*Barthes*]



SUMÁRIO

PARTE UM — RESENHAS

11 **Sobre as paixões por Clarice Lispector**
Wilbett Oliveira

19 **Sobre o romance "Canibalismo de Outono", de Arturo Gouveia**
Cícero Émerson do Nascimento Cardoso

27 **Sobre "A poesia na precariedade do existir"**
Joel Cardoso

33 **De norte ao sul do Brasil: pontos de convergência**
Ester Abreu V. de Oliveira

43 **Desvelando méritos ocultos**
Luiz Eduardo de Carvalho

49 **Inventário para a poesia experimental portuguesa**
Rodrigo da Costa Araujo

55 **"Vaca Profana": um mundo lírico e divertido**
Adelto Gonçalves

63 **Sobre o "Soneto 155", de Norma Doront Straf**
Arturo Gouveia

71 **"Viúvas de Sal", herdeiras do mal**
Luiz Eduardo de Carvalho

PARTE DOIS — ARTIGOS

79 **Apatia sem pátria**
Flávio R. Kothe

95 **Alguns equívocos dos gramáticos**
José Augusto Carvalho

PARTE TRÊS — SOBRE OS COAUTORES
111 Adelto Gonçalves
112 Arturo Gouveia
113 Cícero Émerson do Nascimento Cardoso
114 Ester Abreu Vieira de Oliveira
115 Flávio R. Kothe
116 Joel Cardoso
117 José Augusto Carvalho
118 Luiz Eduardo de Carvalho
119 Rodrigo da Costa Araujo
120 Wilbett Oliveira

121 CRÉDITO DAS IMAGENS

PARTE UM

RESENHAS





SOBRE AS PAIXÕES POR CLARICE

WILBETT OLIVEIRA

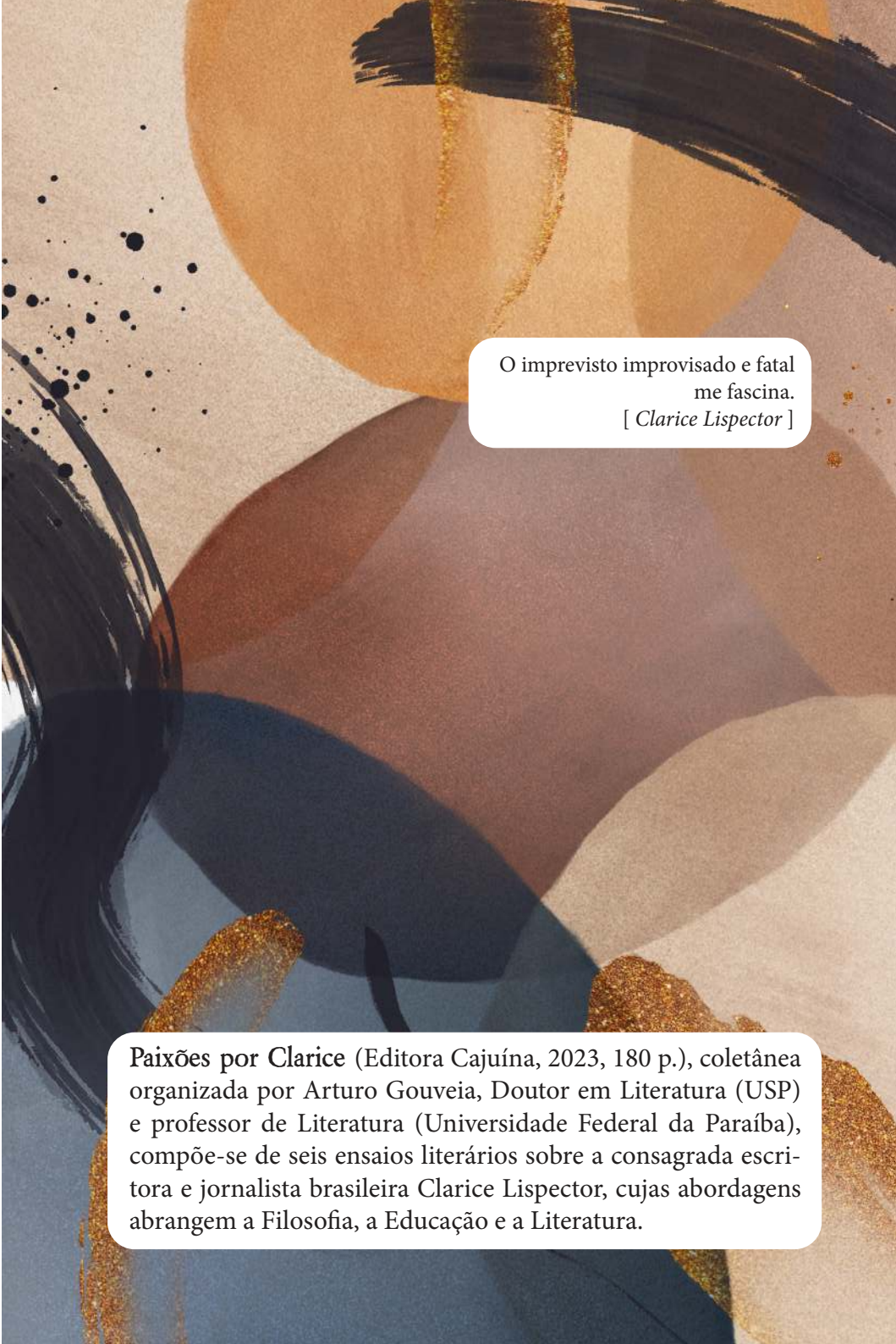
ANTONIO TEIXEIRA DE BARROS
CÍCERO ÉMERSON DO N. CARDOSO
ERMELINDA MARIA ARAUJO FERREIRA
MARIA LÚCIA DAL FARRA
NILSON FERNANDES DINIS
PAMELA ZACHARIAS

Paixões por Clarice



ARTURO GOUVEIA
[Organizador]

cajuína



O imprevisto improvisado e fatal
me fascina.
[*Clarice Lispector*]

Paixões por Clarice (Editora Cajuína, 2023, 180 p.), coletânea organizada por Arturo Gouveia, Doutor em Literatura (USP) e professor de Literatura (Universidade Federal da Paraíba), compõe-se de seis ensaios literários sobre a consagrada escritora e jornalista brasileira Clarice Lispector, cujas abordagens abrangem a Filosofia, a Educação e a Literatura.

Para se ter uma noção da significância desta escritora no cenário da Literatura Brasileira, por meio de uma consulta (básica) realizada no Google Acadêmico (repositórios e revistas científicas) utilizando-se como descritores os termos "Clarice Lispector" (com as devidas aspas), foi possível constatar a publicação de 44.800 estudos (ensaios, dissertações e teses), sem o devido tratamento dos dados, obviamente.

Tantos estudos, de fato, são justificáveis, visto que Clarice visava captar a quarta dimensão do instante-já, e a palavra era a sua quarta dimensão. Importante ressaltar que essa escritora

> instaurou um projeto de escrita ao qual inseriu suas convicções, suas hesitações e forçou os esquemas convencionais dos gêneros que cultivou: o romance, o conto, a crônica. Tocou profundamente o poético, elaborando um texto "quase-prosa, quase-verso", desarticulando as expectativas, conferindo a estes gêneros a marca de seu estilo, renovando-os, conduzindo a fronteiras de difícil superação, legitimando o direito à permanente pesquisa estética, impedindo a estagnação do fazer poético (SILVA, 2000, p. 124).

No texto que abre a coletânea - *A mística em Agustina Bessa-Luís e Clarice Lispector* – a abordagem de Maria Lúcia Dal Farra, escritora e pesquisadora, refere-se à condição concernente à mulher em duas escritoras da mesma geração: a brasileira Clarice Lispector (nascida em 1920) e a portuguesa Agustina Bessa-Luís (nascida em 1922). São objeto do estudo os respectivos romances que publicam numa mesma faixa temporal: *A sibila*, de Agustina, é de 1954, e *A paixão segundo G.H.*, de Clarice, é de 1964. Cada obra, através de estratégicas narrativas e discursivas muito diversas, se vale da temática da natureza mística (que envolve o feminino) para solapar as bases culturais, estruturais e ideológicas de onde partem, expondo a inadaptação ao mundo estabilizado e desmanchando o código romanesco.

No segundo ensaio intitulado *A personagem feminina velha: "ruído de passos" e "mas vai chover", de Clarice Lispector,* Cícero Émerson do Nascimento Cardoso (Doutor em literatura PPGL/ Universidade Federal da Paraíba) analisa a maneira, na narrativa curta da autora, como se dá a construção de personagens femininas que, além de depararem-se com os entraves advindos do machismo preponderante no contexto em que estão inseridas, por serem mulheres, sofrem com visões restritivas que as impedem, dentre outros fatores, de vivenciar desejos sexuais em decorrência da idade avançada.

A metamorfose de Clarice Lispector é a temática encenada pela Professora e Doutora em (PUC-RJ) Ermelinda Maria Araújo Ferreira, para quem a obra de Clarice Lispector sofre uma guinada a partir dos anos 1960, com o livro de contos Laços de família, escrito durante sua experiência profissional como jornalista responsável pelas colunas femininas publicadas na imprensa carioca nesta década. A menção obsessiva à receita "Como matar baratas" nessas páginas, que vem a dar origem ao conto "A quinta história", e posteriormente ao romance *A paixão segundo G. H.*, revela que a autora terá vislumbrado na figura do inseto um potencial capaz de deflagar uma reflexão metalinguística sobre o processo de metamorfose de seu estilo, após a sua prática como cronista.

Pamela Zacharias (Pós-doutoranda em Literatura Brasileira – USP), em *A literatura filosófica de Clarice Lispector*, analisa o encontro da escrita de Clarice Lispector com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari e propõe aproximações entre a literatura da escritora e os conceitos desenvolvidos pelos autores. Para Deleuze e Guattari, a literatura se faz em um plano de composição e cria perceptos e afectos através de um personagem estético; já a filosofia, tece um plano de imanência para criar seus conceitos que se constroem por meio de um personagem conceitual. Neste artigo, buscou-se discutir em que instância personagens estéticos e personagens conceituais se atravessam. Quais as ressonâncias que textos de Clarice po-

dem provocar no campo filosófico? Para isso, foram percorridas algumas linhas criativas de sua literatura, como o devir, seguindo-as em busca de visualizar alguns conceitos sensoriais e algumas sensações conceituais que afloram da criação literária da escritora, percorrendo nela uma força filosófica que cria e mobiliza conceitos.

Em *Perto do coração selvagem: resistência à disciplinarização do feminino e da infância*, Nilson Fernandes Dinis (Doutor em Educação - UNICAMP) discorre sobre o romance *Perto do coração selvagem*, no qual, segundo Dinis, observamos uma oposição entre o mundo da infância e do feminino e o mundo do adulto e do masculino. Joana, a protagonista mulher e criança, é a víbora, signo do mal tentando os valores do mundo adulto e masculino para o mundo dos prazeres. No processo de disciplinarização da infância, na instituição escolar, a criança aprende também a renunciar ao mundo dos prazeres no presente para buscar um futuro promissor no amanhã. Mas Joana não quer saber de futuros. Ela só vive o momento presente, possui um corpo que se constitui de afetos moventes e imprecisão ameaçando a estabilidade do mundo masculino e adulto. Na escola, com a pergunta sobre o que se ganha quando se é feliz, a menina Joana faz ruir os valores do mundo adulto - nossa prática pedagógica baseada na renúncia do princípio do prazer para a construção do futuro -, ou seja, a realidade tal como é vista e imposta sobre a infância pelo saber do olhar adulto.

Antonio Teixeira de Barros (Doutor em Sociologia - UnB) analisa em *Representações da cultura de massa em A hora da estrela, de Clarice Lispector* como Lispector incorpora representações da cultura de massa em sua célebre novela *A Hora da Estrela*. Para Barros, a obra em estudo tem como protagonista uma migrante do Nordeste brasileiro, Macabéa, que reside no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e tem como hábito ouvir rádio e colecionar anúncios de jornais. Macabéa representa o protótipo do receptor pobre e pouco instruído, que se satisfaz com os produtos da indústria cultural, cuja principal função

é o entretenimento, a fim de preencher a lacuna deixada pelo tempo livre na sociedade urbana.

Em *Pedagogia e literatura: crianças e bichos na literatura infantil de Clarice Lispector*, Nilson Fernandes Dinis (Doutor em Educação - UNICAMP) analisa as relações entre a literatura infantil e a educação ressaltando a singularidade dos textos de Clarice Lispector que desconstroem a relação hegemônica adulto-criança e privilegiam o mundo das crianças e dos bichos ao inverter os pressupostos pedagógicos e moralizantes que sempre estiveram presentes neste gênero literário.

Paixões por Clarice é indicado como leitura indispensável aos estudiosos tanto da Literatura e, geral quanto desta escritora especificamente, com vistas à ampliação dos debates e das leituras críticas sobre esta conceituada contista e romancista.

REFERÊNCIAS

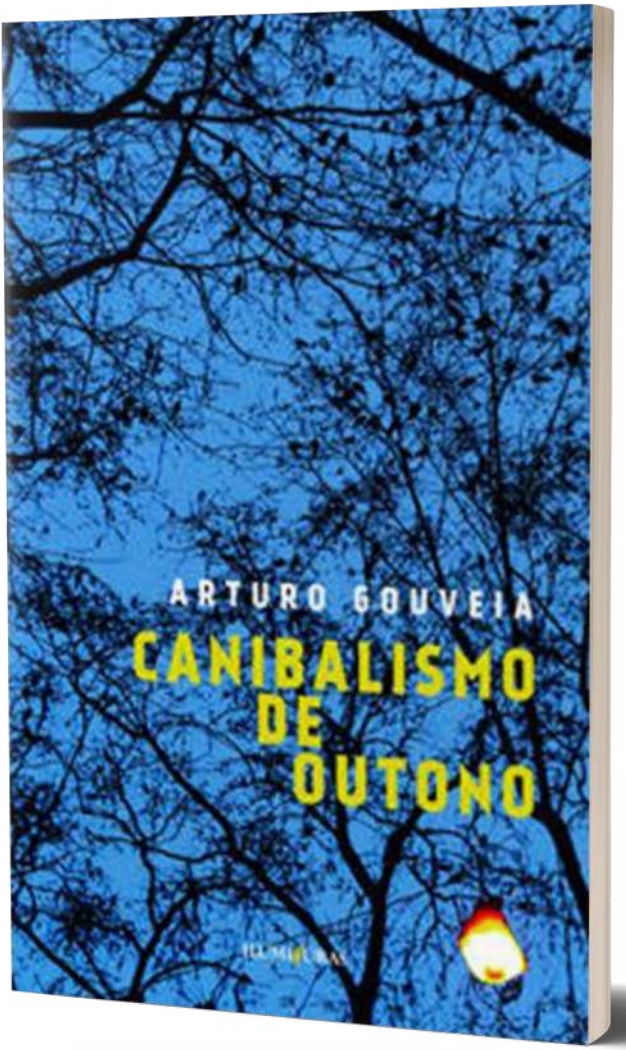
GOUVEIA, Arturo (org.). *Paixões por Clarice*. Cotia, SP: Editora Cajuína, 2023. 180 p.

SILVA, Odalice de Castro. Os contos clariceanos e suas cadeias de seda. *O Povo* (VestLetras). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.



SOBRE O ROMANCE *CANIBALISMO DE OUTONO*, DE ARTURO GOUVEIA

CÍCERO ÉMERSON DO NASCIMENTO CARDOSO


ARTURO GOUVEIA
CANIBALISMO DE OUTONO

Você e eu somos acúmulos deliberados e casuais de sílabas. E elas só existem se alguém nos ler. É aí que estamos condenados à degradação.

[*Arturo Gouveia*]

Salvador Dalí apresentou sua obra Canibalismo de Outono ao mundo em 1936. Nesta obra, percebemos, dentre outros pontos, a presença de um casal cujas cabeças interligam-se, aparentemente, por meio de um beijo, ao mesmo tempo em que a mulher segura garfo e faca, com os quais se alimenta do corpo do homem, que, por sua vez, segura uma colher com a qual também pretende devorar a mulher.

O título da pintura de Dalí é retomado, também sua essência temática, na primeira obra romanesca de Arturo Gouveia publicada, no primeiro semestre de 2016, pela editora *Iluminuras.* Dividido em duas partes (I – A RAIZ DO ARGUMENTO e II – AS FOLHAS DISPERSAS), esse romance apresenta um narrador autodiegético que tem como interlocutor uma juíza a quem ele se reporta através do pronome de tratamento "Meritíssima". Este narrador, denominado Próspero Miranda, confessa seu crime — crime tão cruel quanto bem articulado — e apresenta as razões que o motivaram a conceber tão passionalmente seu desejo de vingança.

O romance inicia, desse modo, com a narração de momentos especiais vividos entre ele e sua amada, como percebemos no trecho (GOUVEIA, 2016, p. 7): "No dia em que o Papa morreu, eu tive uma experiência de amor inconfundível. Eu e a Italiana vínhamos de Roma, de um concerto internacional de barítonos e um curso de regência, e nos envolvemos na cama da forma mais suave". O narrador é um proeminente músico que adota uma órfã chamada Karol, que ele também chama de Italiana, e por quem, com o tempo, apaixona-se — sendo prontamente correspondido.

Acontece que, quando Próspero Miranda, a despeito de críticas, introduzira a filha adotiva em uma apresentação para a qual estava ensaiando, e a esperava para o segundo ensaio da *Litania n. 4*, de Francesco Durante, ela não apareceu. Depois, somos informados de que a moça (GOUVEIA, 2016, p. 9) "foi encontrada morta no carro dos gêmeos, cortada, trucidada de espancamentos, quase todo o corpo com hematomas e sinais de estupro e resistência".

Foram acusados do crime os gêmeos Vói e Tila, de dezessete anos, que, apoiados pelo *status* do pai, conseguem ser absolvidos, sobretudo porque dispunham do álibi perfeito: uma foto na qual eles estavam, na mesma noite do crime, com garotas na boate de propriedade de seu pai.

A partir desse fato, e de outros que o leitor precisa recorrer ao instigante enredo para compreender, Próspero Miranda decide realizar um ato de vingança que seja, em todos os sentidos, excepcional. Ele deseja, por meio disso, expurgar sua frustração ante a impunidade que possibilita aos gêmeos ter uma vida normal após ele ter sido dilacerado, psicologicamente, ao saber da morte de sua amada.

A vingança, como poucas vezes vislumbramos na Literatura Brasileira, aparece com intensidade nessa obra. O narrador, a respeito de seu projeto de vingança, afirma (GOUVEIA, 2016, p. 13): "Meu plano era relativamente digressivo e previsível, como uma literatura de mau gosto que não vai direto ao desfecho. Mas isso multiplicava meu ódio como ninguém podia prever. E foi aí, um ano após a morte do Papa, que Tila e Vói chegaram no inferno".

Do ponto de vista onomástico, o antropônimo simbólico do narrador-protagonista nos remete à obra shakespeariana *A tempestade*. Próspero, duque de Milão, é confinado por traições políticas em uma ilha, com sua filha Miranda, e utiliza-se de vasto conhecimento e de densa magia para realizar um ato de vingança contra seus traidores. Neste sentido, a relação intertextual presente nos nomes fica evidente, e amplia as possibilidades de interpretação desse livro, sobretudo se considerarmos que a temática da vingança é central em ambos os textos.

Devemos mencionar, também, a proximidade sonora dos nomes dos gêmeos Vói e Tila com o sobrenome do Papa João Paulo II (Karol Józef Wojtyla), cuja morte é mencionada enfaticamente no livro. Atentemos, ainda, para o fato de que a filha adotiva de Próspero, a quem ele devota amor intenso, chama-se Karol, isto é, o primeiro nome do líder religioso.

Ressaltamos que, além desses aspectos, Arturo Gouveia comprova a ideia de Bakhtin, que pensa o romance como uma forma proteica que pode assimilar, em si, diversos gêneros. Percebemos, nesse sentido, que *Canibalismo de Ou-*

tono apresenta capítulos que se assemelham estruturalmente, por exemplo, aos textos do gênero dramático. Neles, há a indicação do nome da personagem seguida de sua fala, o que pode remeter também ao formato de diálogo típico de textos clássicos como os de Platão.. Há, ainda, como parte da composição dessa obra: partitura, entrevista, minicontos, sonetos (que são de uma criatividade digna de nota dentro do romance) e carta — como a que é direcionada a Hannah Arendt, com onze pontos que são breves comentários sobre seu conceito de banalidade do mal.

Do ponto de vista da linguagem, a incapacidade de comunicação dos gêmeos, que são aparentemente incapazes de comunicar-se sem espargir contra o interlocutor uma palavra obscena e vulgar, é ridicularizada pela erudição de Próspero Miranda e de outras personagens fascinantes que o narrador apresenta: o PINTOR (Salvador Dalí), AG (o Obscuro), a Górgona-Húmus (destruidora de rostos de jovens modelos que conhece música clássica e lê o romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, exaustivamente) e o Mentor (também retomado pelo pronome ELE), dentre outros.

Há capítulos em que percebemos o fluxo de consciência da personagem de modo tão intenso que desaparecem os sinais de pontuação e algumas palavras — surgem, em contrapartida, sinais gráficos aleatórios, pontilhados, parágrafos formados apenas por cinco linhas sem qualquer pontuação, dentre outras marcas textuais que parecem acompanhar os conflitos e divagações psicológicas do narrador-personagem. Há um capítulo, nessa perspectiva, intitulado ENCONTRO ACELERADO – III (DÓ), em que a frase "não seja puta de Benjamin Franklin" é repetida excessivamente, sendo intercalada com parágrafos nos quais o narrador retoma sua narração apenas em alguns trechos — ele recorre, além disso, a sonetos e a minicontos.

Precisamos dar ênfase, para além da vingança de Próspero, que constitui o enredo por excelência do livro e já nos

dimensiona, pela fabulação, seu valor estético, a três acontecimentos marcantes: **1)** o capítulo ENCONTRO ACELERADO – I (em que o narrador encontra-se com personalidades como AG – o Obscuro), **2)** o capítulo ENCONTRO ACELERADO – II (em que o narrador visita Górgona-Húmus na Penitenciária Feminina localizada no Paço dos Abutres) e **3)** o capítulo ENCONTRO ACELERADO IV (em que o narrador encontra-se na Itália com o Mentor, mais precisamente o diabo, e com ESQUILO e ELI).

Consideramos que *Canibalismo de Outono* pode inserir-se na tradição de textos literários que se remetem a pactos diabólicos. Neste caso, o Mentor, que se opõe a Próspero, tenta desencorajá-lo, por meio de argumentos bem delineados, a desistir de sua vingança — seus argumentos, no entanto, não são aceitos.

A erudição dos diálogos, o alto grau de reflexão apresentado nos discursos das personagens, a menção a obras e nomes da música erudita, a menção a autores proeminentes da Literatura Universal e da Filosofia, assim como a construção narrativa que traz seus tons de bizarrice e de absurdo, bem como a construção psicológica de suas personagens que, algumas delas, margeiam o grotesco, tornam esse livro uma experiência romanesca mais-do-que-bem-sucedida.

Entre o amor erótico em sua manifestação mais singela, e o despertar da crueldade humana que nasce, por vezes, da incapacidade de ser indiferente a injustiças, *Canibalismo de Outono* nos apresenta um protagonista complexo, cruel e vingativo, mas que nos incita a pensar sobre a condição humana em suas mais vastas potencialidades — sobretudo em sua capacidade de amar, de sentir solidão e de sentir-se impotente ante a dor da perda.

Esse romance nos causa impacto, nos atemoriza, nos causa estranhamento, ao mesmo tempo em que nos leva a indagar, enternecidos, sobre o que de fato ocorreu no enredo: os acontecimentos são reais, ou não passam de devaneios de uma

mente fustigada pela crueldade de tipos como os gêmeos Vói e Tila? O esboço de romance apresentado por AG – o Obscuro é a resposta para o que perscrutamos? Isto causa-nos inquietude e tira-nos a paz de espírito. A propósito da palavra paz, para concluir, transcrevemos uma das muitas frases de efeito que surgem no livro (GOUVEIA, 2016, p. 191): "O pior dos infernos é ser cúmplice de uma paz aparente".

Arturo Gouveia é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, é professor titular da Universidade Federal da Paraíba e escreveu, dentre outras obras: *No inferno* (1988), *O mal absoluto* (1996), *A farsa do milênio* (1997), *A arte do breve* (2003), *O Evangelho Segundo Lúcifer* (2007), *Santíssimas trevas* (2008), *Décimas a galope* (2017), *O lapso de Shakespeare* (2020) e *À luz da cegueira* (2023).

REFERÊNCIA

GOUVEIA, Arturo. *Canibalismo de Outono.* São Paulo: Iluminuras, 2016.

SOBRE A POESIA NA PRECARIEDADE DO EXISTIR

JOEL CARDOSO



A POESIA NA PRECARIEDADE DO EXISTIR

Lygia Caselato
[Organizadora]

editora cajuína



A imensurável complexidade do existir (pressentida, inalcançada) se oculta, talvez, em uma região sombria do nosso interior, cuja profundidade não temos como aquilatar. Conhecemo-nos muito pouco. Existimos nesses recantos inabitados, esconderijos em que nos ocultamos, locais de fuga nos quais nos refugiamos, precipícios que não supúnhamos existir. Entre o profano e o sagrado, entre o banal e o complexo, entre o evidente e o não pressentido, entre crenças e descrenças, na fronteira escorregadia em que o ser tropeça no não ser, oscilamos todos. Dentro em nós, sem que consigamos distingui-los, habitam — por vezes em conflito, por vezes em conluio — deuses

e demônios, fantasmas que lamentam e choram, anjos alados e palhaços que escarnecem, ironizam e debocham, suscitando risos e choros. Dos diálogos e conflitos que daí advêm, nascem versos, nascem intuições poéticas, nasce o dizível-indizível. Os passos que damos nas trilhas do existir, inapelavelmente (e quase sempre à nossa revelia), nos levam de roldam por estradas não sinalizadas, estradas as quais não sabemos ao certo aonde podem nos levar.

Na incontida ânsia de nos conhecer, de existir, de nos firmar e afirmar, reinventamos o verbo. Redimensionamos sentidos. Experimentamos subverter a ordem. E isso é poesia. É, pelo menos, uma modalidade de poesia. Poesia que, filosófica e psicanaliticamente, na tentativa do autoentendimento, flerta com o nonsense, com o indizível. No discurso literário e, particularmente, no texto poético, usamos e abusamos da palavra. Por isso escrevemos, por isso poetizamos, por isso, com a arte, performatizamos a existência. Para dar voz aos muitos eus que em nós coabitam. Para nos confrontar com os demais. Nesse espelho interior nós insistentemente nos miramos, nos inquirimos, nos questionamos, nos desnudamos. Onde a palavra que dê conta do que almejamos?... Como nos traduzir ante a banalidade do real e o utópico emaranhado sensitivo que nos habita?... Subjetividade que, ao nos revelar, resvala – intencional ou intuitivamente - para a racionalidade.

No fazer poético não nos impomos limites. Deixamo-nos ir. Abandonamos as amarras. Somos nós mesmos, na ousadia de ser outros. Ao falarmos sobre o outro, sobre o seu discurso, sobre suas propostas, sempre ultrapassamos nossos conhecimentos, nossas fronteiras, testando uma liberdade de dizer, de analisar, que, por consequência, esbarra no direito de expressão de outrem, no ser e estar do outro, no entendimento do outro que fazemos para além de nós mesmos. Mas quem é esse outro senão projeções de nós mesmos?

A Poesia de Wilbett Oliveira demarca esse entre-lugar (nas e) das nossas reflexões, das nossas inquietações, das nossas indagações. Tal Poesia - promovendo a dança dos paradoxos que nos conforma - nos acalenta e nos toca, nos revela e nos oculta, nos anuncia e nos denuncia, e, também, ao mesmo tempo, nos apazígua e, concomitantemente, nos incomoda.

A sua poesia densa, tensa, pertence a essa casta de poesia que, como num divã, ao dar voz às nossas insatisfações, nossas inquietações, confronta-nos no prazer e na dor. Sim, porque somos duais, somos mais do que aquilo que afirmamos ou negamos. Somos menos o que julgamos saber que somos do que aquilo que ainda não sabemos que somos.

Recebi, com prazer, o libreto "A poesia na precariedade do existir", organizado por Lygia Caselato, que versa sobre a crítica do fazer poético de Wilbett Oliveira. Não ouso fazer a crítica da crítica. Mas asseguro que gostei de tudo. Li, com interesse, com prazer, os dizeres dos autores. O livro reúne artigos de Haron Gamal, meus, Joel Cardoso, Joelson Pereira de Souza, Karina de Rezende-Fohringer, Levinélia Barbosa, Lygia Caselato e Rodrigo Costa Araújo. Que elenco!...

A Crítica, nos dias que vivenciamos (vazios e apressados), é uma atividade mais do que necessária: preciosa, que, como as demais atividades artísticas, infelizmente se banalizou. Virou produto de troca entre confrades. Mas, para que mesmo serve a crítica?... Para, no mínimo, nos mostrar outras possibilidades de sentir, de ver, de apreender o texto literário. De refletir sobre ele. A crítica, mais que explicar, esclarecer, comentar, analisar, deve incitar, provocar, instigar, motivar, despertar. Associando forma e conteúdo, deve evidenciar visões particulares e pormenorizadas da obra. Se não se prestar a isso, qual o sentido da crítica?... No mundo em que vivemos, no qual não há lugar para a leitura, para a reflexão, para pausas, corremos o risco de, anestesiados, nos perdermos da arte, da literatura, da poesia, dos discursos. Mormente dos discursos mais elaborados.

A Poesia, por seu refinamento, por sua forma refinada e particular de ser, pertence, é um patamar literário elitizado. Nesses tempos de redes sociais, talvez nunca se tenha feito tanto poema como nos dias atuais. Poema, porém não poesia. O excesso, por si só, já denota uma perda qualitativa.

Os textos apresentados neste libreto, sob o olhar atento de leitores experientes e sensíveis, discorrem e refletem sobre aspectos fundamentais do universo poético de Wilbett Oliveira.

Há poemas e poemas, assim como, naturalmente, há poetas e poetas. Wilbett Oliveira é, e se sabe, único. Como ele, só ele. Projetamo-nos (consciente ou inconscientemente) no que escrevemos. Sua poesia é você. Você, em cujos versos especularmente todos nós, seus leitores, nos miramos e – num misto de identificação e estranhamento - nos reconhecemos. Sua poesia somos nós.

Fiquei feliz e me senti honrado por, entre os artigos apresentados, este livro receber o nome atribuído a um dos meus escritos. Bela e pertinente a escolha da imagem da capa, a *Persistência da memória*, de Salvador Dali. Ela estabelece um diálogo com todo o contexto da obra.

É sempre um prazer flanar lírica e poeticamente sob (e, às vezes, sobre) os céus do seu fazer poético.

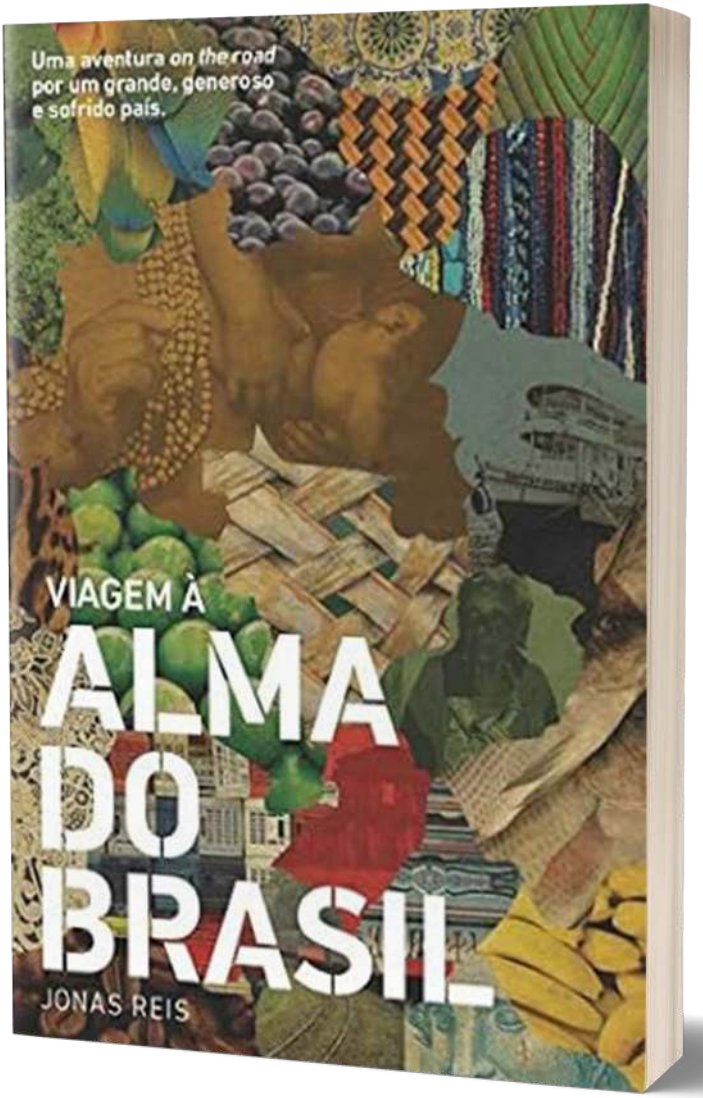
Que as musas não o abandonem...

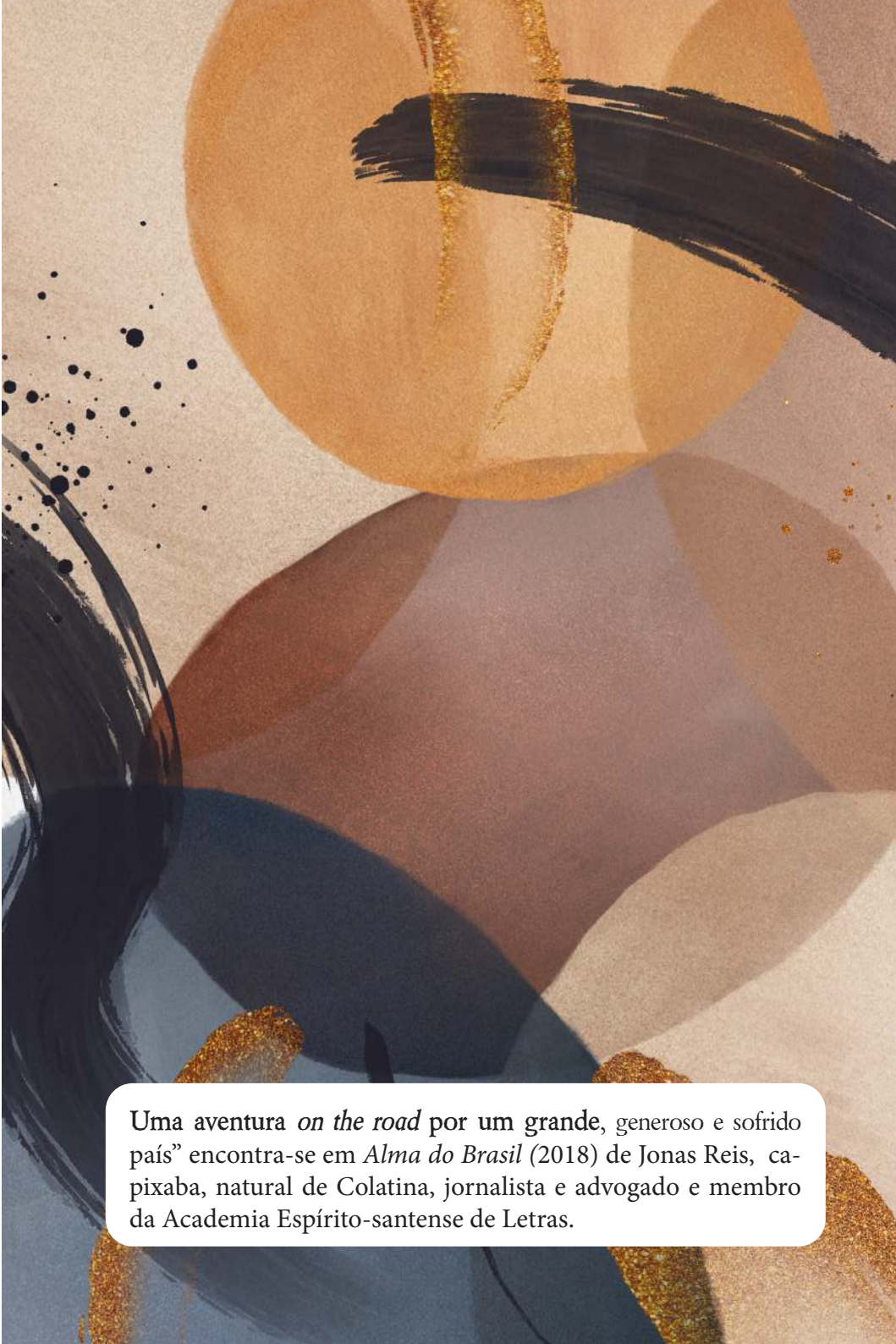
REFERÊNCIA

CASELATO, Lygia (org.). *A poesia na precariedade do existir*. Cotia, SP: Editora Cajuína, 2020. 112 páginas.

DE NORTE AO SUL DO BRASIL: PONTOS DE CONVERGÊNCIA

ESTER ABREU V. DE OLIVEIRA


Uma aventura *on the road*
por um grande, generoso
e sofrido país.
VIAGEM À
ALMA
DO
BRASIL
JONAS REIS



Uma aventura *on the road* por um grande, generoso e sofrido país" encontra-se em *Alma do Brasil* (2018) de Jonas Reis, capixaba, natural de Colatina, jornalista e advogado e membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Jonas atuou nos principais órgãos de imprensa do Espírito Santo, tendo iniciado no jornalismo em 1977. Suas principais obras são: *Em nome do Espírito Santo (*sobre política regional), *O santo dos últimos dias - Quem amou Solange de Belleview?(novela), Viagem à alma do Brasil (*em inglês, *Trip out to the soul of Brazil*, traduzido por Paul W. Dixon e Luciane Bernardi Scopel), e *A lenda do lagarto azul (obra infanto juvenil). Além desses livros existem ainda publicações de obra dramática, poética e contos premiados. Em 2022 Reis foi* eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, onde ocupa a Cadeira 10, como sucessor da educadora Ana Bernardes da Silveira Rocha.

Esse é um retrato limitado de Jonas Reis, pois o destaque para resenhar uma de suas obras é Viagem à alma do Brasil, que traz primeiro como uma epígrafe ou tradução do conteúdo da obra, na folha de rosto, a frase: "Uma aventura on the road por um grande, generoso e sofrido país", e depois: "Sim, este livro é uma viagem". Na folha seguinte, onde o autor me oferece a obra "Para a querida Ester, com carinho e admiração", está a dedicatória da obra: "Para Vanessa Venuto Braga Reis", citada na obra na pág. 314, quase ao final do relato de sua longa viagem pelo Brasil, na passagem, em que o narrador, a caminho de Porto Velho, em Rondônia, é tocado pela paisagem e pela mudança repentina climática. A imagem dos relâmpagos e do temporal que reteve em sua mente fluirá em sua recordação, quando em Vitória está em companhia de Vanessa em uma noite de tempestade caminhando pela rua, pois em nossa mente sempre retorna algo adormecido:

> [...] Esta é a região onde vejo mais mangueiras carregadas à beira da estrada, sem que ninguém se interesse pelos frutos. Nesta estrada me pego com inveja ao ver um cavalo comendo mangas sob uma árvore. Os galhos estão curvados do peso de tantas frutas e o chão está salpicado de amarelo. Próximo à capital enfrentamos chuva torrencial, com trovões e relâmpagos iluminando o início da noite. no céu. Eu me lembraria deste momento numa tarde, meses depois, quando Vanessa

> e eu caminhávamos deliberadamente sob tempestade em Vitória, contando relâmpagos no céu. Mas aqui não vejo mais a estrada. Quando desembarco, Porto Velho me assusta com a pressa dos carros. [..].

A obra está dividida em quatro partes lembrando os pontos cardeais: Sudeste e Norte, Norte e Nordeste, Sudeste e Sul, e Sudeste Centro-Oeste, Norte.

Aumenta o nosso conhecimento e nos distrai contemplar paisagens e costumes. Sonhar depois de leituras foi o que sempre fiz, seduzida pelos livros. Desde o tapete mágico de Aladim seduziram-me as viagens e incluindo as realizadas no Brasil pelo professor com seus filhos, oferecidas nas leituras do livro didático, e as dos vários romances no decorrer desta minha vida. Naveguei pelo Pacífico junto aos exploradores da Expedição Kom Tiki. Cruzei o Atlântico da expedição ao revés dos conquistadores da América à Europa em barco a vela. Viajei pelos fiords e imaginei o sol da meia-noite. Percorri pelos campos e vilas de Castilla e Portugal com Azorín e Miguel de Unamuno. Por isso, aventurei-me em Alma do Brasil, viajando com pessoas comuns de ônibus, de barco, de táxi e de trem. Abandonei os frios aeroportos, para salpicar meu rosto e molhar meus pés nas águas do Amazonas. Estive em pensões, hotéis e deitei-me em rede. Folha a folha preenchida pelo narrador, quando em seu percorrer pelo território brasileiro a passos lentos, muitas vezes de sandália, me fazia parar a leitura para viver o momento descrito.

Percorrer estradas com paisagens diversas, cidades, lugarejos é bom, mas o melhor são as pessoas com suas mazelas, costumes, artes, histórias, e a literatura que jorra para o mundo e nos envolve quando se lembra da "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, quando passa por sua terra natal, Caxias, no Maranhão (p. 121). Ou, quando vai de São Luiz para Teresina seus olhos abrigam uma paisagem de águas cristalinas, cajueiros submergidos com abundâncias de frutos, a juçara, "mais

leve e palatável que o açaí", segundo ele, (p. 121), vendo a menina vendendo milho verde assado, ou percorrendo a casa de Cora Coralina, em Goiás Velho ou as de Vargas e Goulart no Rio Grande do Sul. Passo então a apresentar resumidamente o que foi esse meu transitar como leitora pelos quatro capítulos de Viagem à alma do Brasil, obra de Jonas Reis.

Na parte SUDESTE a NORTE o narrador em 118 páginas inicia sua jornada quando os passageiros do táxi lotação percebem que há um velório dentro de um templo evangélico ilhado pela cheia do rio e termina o capítulo em Parauapebas, na serra dos Carajás, descansando da viagem para retomar o caminho, num domingo, em direção ao Nordeste.

No capítulo de NORTE a NORDESTE, em 99 páginas, depois de sair de trem de Parauapebas, para São Luís, no Maranhão, e prosseguir a viagem de ônibus em direção a Teresina, Piauí, cidade em que, segundo o narrador o verde se espalha pela cidade, o viajante compra ali o Filé, um mico de madeira, de 40 cm de altura, e o despacha, pelo correio para a sua casa. De Teresina parte para o Ceará, e nesse trajeto tem contacto com um rapaz apanhador de palha de carnaúba, planta de muitas utilidades, que estranha a profissão de jornalista do narrador. Comparando as profissões, o rapaz conclui que a sua era um produto de utilidades diversas e ele, orgulhosamente tinha a marca no seu pescoço de um corte da palha no pescoço, enquanto a do jornalista com que contribuía? Desse encontro decorre um confronto entre o trabalho do operário e o do construtor da palavra escrita, num Brasil repleto de analfabetos. Em Fortaleza, "esquina do Brasil voltada para o Atlântico" (p. 139), Jonas se encontra com Rouxinol do Rinaré um escritor de cordel, (p. 138) e segue para João Pessoa, Rio Grande do Norte, onde as pessoas "se superam em simpatia" (p. 145) e daí para Pernambuco passando por Goiana, no norte desse Estado, cidade patrimônio nacional e, esclarece que "foi sede da capitania de Itamaracá e suas igrejas guardam registro da visita do imperador D. Pedro II, em 1859. O casario e as

igrejas ainda hoje, seduzem os visitantes" (p. 148). Ali o caminhante se encontra com o artista Zé do Carmo que ofereceu ao Papa João Paulo I uma escultura de um anjo cangaceiro ("o guardião nordestino", p. 149). Esse escultor se expande no conceito de anjo popular e coloca asas em esculturas diversas, no escravizado, no Zumbi dos Palmares, no cortador de cana, no catador de caranguejos, no sanfoneiro isso porque para ele "somos todos anjos, e a arte é infinita e ilimitada (p. 149). O visitante leva desse artista a permissão de colocar o cangaceiro anjo na capa de seu futuro livro sobre a viagem. Depois de mais contato com histórias de outros habitantes do lugar, de observar costumes locais o narrador prossegue sua viagem por novos caminhos, com outras paisagens e vários costumes acalentando a sua alma curiosa. Segue em direção a Piancó, lugar que ficou conhecido por ter ali ocorrido o episódio sangrento que envolveu a Coluna Prestes, no sertão paraibano, onde se come arroz com leite e carne de bode, e, com o guia Chico Jó, reviveu o desastroso tema histórico. De Piancó se dirige à cidade cearense de Juazeiro do Norte. Terra santa do carismático, Padre Ciço, que morreu em 1934. Depois de subir a colina para chegar até a estátua de "27 metros de altura" (p. 165), desse santo nordestino, segue para Crato, onde reina uma "história rica e cultura que se respira com o ar " (p. 166) e onde em 03 de maio de 1817 foi deflagrado o movimento republicano e aprisionados os envolvidos, entre eles a heroína "Bárbara de Alencar, considerada a primeira prisioneira política do país" (p. 166). Depois de visitar a Universidade Regional de Cariri e de se enriquecer com os conhecimentos das escavações paleontológicas realizadas no sítio Canabrava, continua seu trajeto desbravador cultural em direção à "parada obrigatória da chamada Rota do Cangaço" (p. 170), terra natal de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Juazeiro do Norte, e continua em destino a Caruaru "capital do xaxado. Com novas histórias e curiosidades, o leitor será premiado até ele chegar a Maceió onde não deixará de ir a União dos Palmares. Mais lembranças ressurgirão do Quilombo dos Palmares, cenário histórico de resistência à escravidão de negros escravi-

zados que fugiam de seus senhores e ali se abrigavam. Continua a viagem em direção a Paulo Afonso, na Bahia, e, ainda, nesse Estado, segue para Canudos onde vai brindar o leitor com mais detalhes de paisagem e de história do século XIX protagonizada por Antônio Conselheiro, dando oportunidade ao narrador de lembrar dois escritores que consagraram o evento da Guerra dos Canudos: Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa. A direção seguinte Aracaju e Salvador, onde "80 dias depois de iniciar a viagem" (p. 209) toma o avião para Vitória. Nessa afirmativa parodia A volta ao mundo em 80 dias de Júlio Verne. Pergunta-se se não foi mesmo uma aventura grandiosa esse percorrer do Norte a Nordeste nesse nosso país continental de paisagens e costumes variados?

Na parte de SUDESTE a SUL o narrador cobriu 65 páginas narrando seu trajeto de avião partindo de Vitória, em direção ao sul, até Buenos Aires, e voltando de ônibus para o Brasil. Passa por Chuí, cruza a fronteira e entra no Rio Grande do Sul. Percorre as planícies do pampa gaúcho e visita as cidades: Pelotas, Bagé, "a rainha da fronteira" (p. 218), Dom Pedrito, Alegrete, Santana do Livramento, São Borges, a cidade "mais conhecida por ser terra natal de dois presidentes do Brasil: Getúlio Vargas e João Goulart" (p. 227), Porto Alegre, a capital, e vem narrando os locais que lhe trazem recordações históricas. Cruzando ou margeando rios, descortinando paisagens diversas e registrando diálogos com histórias dos fortuitos passageiros desse percorrer chega a Santa Catarina, "entrada para conhecer outro Brasil, um país que pouco tem a ver com nossa história colonial, com a dependência de Portugal. Aqui é como se o Brasil tivesse sido descoberto dois séculos depois, com a chegada dos açorianos e mais tarde os italianos e os alemães, principalmente, mas também os árabes, os poloneses e os ucranianos, entre outros. (p. 242-243) Porém o narrador não deixa de passar pelo local da grande beleza brasileira: as cataratas da Foz do Iguaçu, "umas das sete maravilhas naturais do mundo". (p. 272), fechando o ciclo desse trajeto.

No capítulo SUDESTE a CENTRO-OESTE e NORTE, em 53 páginas, Jonas Reis, no dia 11 de dezembro de 2021, dá início ao seu último percurso de viagem "à Alma do Brasil", narrando a sua viagem de trem de Vitória para Belo Horizonte, ocasião em que pôde apreciar as variações do percurso do Rio Doce, relembrar a cultura dos índios Krenak. Da capital mineira seguirá para Paracatu, observando passageiros, citando curiosidades das cidades mineiras pelas quais passa, apontando florestas de buritis com seus frutos dourados: Felixlândia, Andrequicé, Três Marias e Paracatu, uma das cidades mineiras tombadas, que estava em festa religiosa. Depois que cruza a divisa de Minas para Goiás, registra nova mudança da paisagem com o surgimento de extensas fazendas de gados e com plantações de soja. Segue em direção a Pirenópolis, lá vai a Lagolândia e toma conhecimento da santa local: Benedita Cipriano Gomes e relata a sua historia. Segue para Goiânia e observa, ao passar pelo planalto central que a "savana brasileira é uma fonte de preocupação ambiental, porque sofre degradação da qual pouca gente se dá conta"(p.297). Dirige-se para Goiás Velho, onde visita a casa da poeta Cora Coralina. Segue em direção a Mato Grosso do Sul. De Campo Grande do Sul vai até Aquidauana e relata acontecimentos históricos dali. Prossegue seu trilhar para Cuiabá e para Rondônia. De Porto Velho, cidade "fundada à margem do rio Madeira" (p. 314) se dirige para Rio Branco, no Acre, fechando o ciclo da viagem no norte, Manaus, onde ocorreu o início de sua viagem.

Desvendar o que o seu país tinha de mais íntimo, escondido, sua gente, sua História, sua natureza variada no mais curioso que se sabe e que se desconhece foi o que atraiu Jonas Reis, como comprova sua obra. E, como um oroboro, em Manaus inicia o seu percurso pelo Brasil e em Manaus o termina. Por fim, ler a obra é visitar a literatura, a História do Brasil e ter conhecimento de fatos desconhecidos por muitos brasileiros, ver paisagens diversas e costumes pitorescos que se encontram no âmago de um país de território tão extenso e ainda a ser desbravado.

Vale a pena ler esta obra recheada de causos, histórias, lendas, enfim, um registro imperdível de um atento olhar.

REFERÊNCIA

REIS, Jonas. *Viagem à alma do Brasil.* Vitoria, ES: s. n, 2023. 328 p.

DESVELANDO MÉRITOS OCULTOS

LUIZ EDUARDO DE CARVALHO


SUJEITO
OCULTO
Maurício Melo Júnior
PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS



O terceiro romance de Maurício Melo Júnior, intitulado ***Sujeito Oculto***, é um primor iconoclástico da literatura brasileira, marcadamente no tocante aos controversos critérios e métodos de indicação e eleição para as academias literárias, sobretudo, a Academia Brasileira de Letras que, entre seus imortais, apresenta extensa lista de duvidosos talentos.

Autor pernambucano, radicado em Brasília, Maurício Melo Júnior é jornalista especializado em Literatura e, neste recorte, mais especificamente, transita com familiaridade entre *Histórias de Acadêmicos* que é, aliás, título de um dos documentários que dirigiu na TV Senado, onde apresenta, há mais de duas décadas, o programa Leituras. Entre crônicas, novelas, ensaios, infantojuvenis e infantis, já havia publicado os romances *Noites Simultâneas*, em 2017, e *Não me Empurre Para os Perdidos*, em 2020. É também curador de diversas festas e feiras literárias. Ou seja, um homem do *metier*.

Na trama de ***Sujeito Oculto,*** recheada de autoficção, o jornalista investigativo Juarez Castro parte no encalço de Alberto Castelli, laureado escritor que teria ocupado a cadeira 21 na Academia Brasileira de Letras, vacante depois da ficcional morte de Paulo Coelho. A intenção é desvendar os motivos de seu desconhecido paradeiro e escrever uma matéria jornalística que recoloque o personagem Juarez na pauta visível aos leitores, editores e, sobretudo, veículos de imprensa nos quais ele tem estado eclipsado num momento de declínio profissional.

Não bastasse o excelente mote para o enredo, Maurício Melo Júnior prima pela construção da narrativa, numa arquitetura muito bem engendrada que mantém o leitor cativo desde as primeiras linhas até o deslinde do mistério. A perseguida matéria, dado o volume das descobertas acumuladas, desdobra-se em nova intenção: redigir uma biografia de Castelli, o que demanda do jornalista deslocamentos temporais e geográficos em busca de informação.

Arrogado de investigador, Juarez parte da cidade natal de Castelli, no oeste baiano, onde o filho de família abastada deixou rastros de inconsistência em relação a seu fulgor intelectual desde os bancos escolares até o vestibular, a partir do qual ingressou num curso de medicina concluído de forma temerária e fraudulenta. Passa pelo Rio de Janeiro e vai parar em terras uruguaias com o fito de concluir sua surpreendente descoberta.

O fio condutor da trama é o discurso de posse de Alberto Castelli na Academia Brasileira de Letras, apresentado em fragmentos à medida que avançam os capítulos nominados pelos anteriores ocupantes da cadeira 21, todos citados por Castelli em ordem cronológica. Entremeiam-se, nessa segmentada linha temporal, fragmentos de crônicas, à guisa de comentários ou pertinentes chistes a respeito de fatos correlatos aos citados no discurso do novo acadêmico, o que compõe um interessantíssimo mosaico de "fofocas" de bastidores literários! Assim, misturando fragmentos do discurso de posse, de crônica e de ensaio literário, além do próprio arcabouço romanesco, ***Sujeito Oculto*** é obra de gênero híbrido muito bem resolvida em engenho pela verve capacitada de um autor que transita com êxito por todas as modalidades discursivas.

A caprichada edição da Patuá, com belíssima capa e projeto gráfico de Isabela Sancho, contribui para transformar a obra em leitura obrigatória para os que são do ofício e garantia de excelente entretenimento e bastante informação para quaisquer leitores sem pretensões literárias!

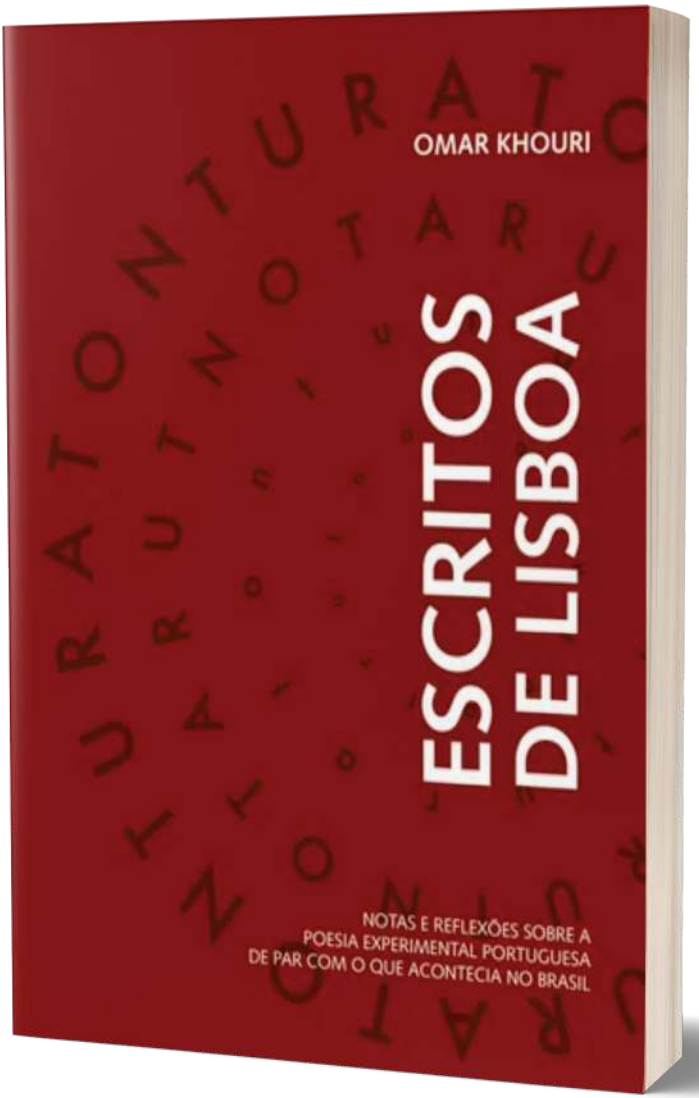
REFERÊNCIA

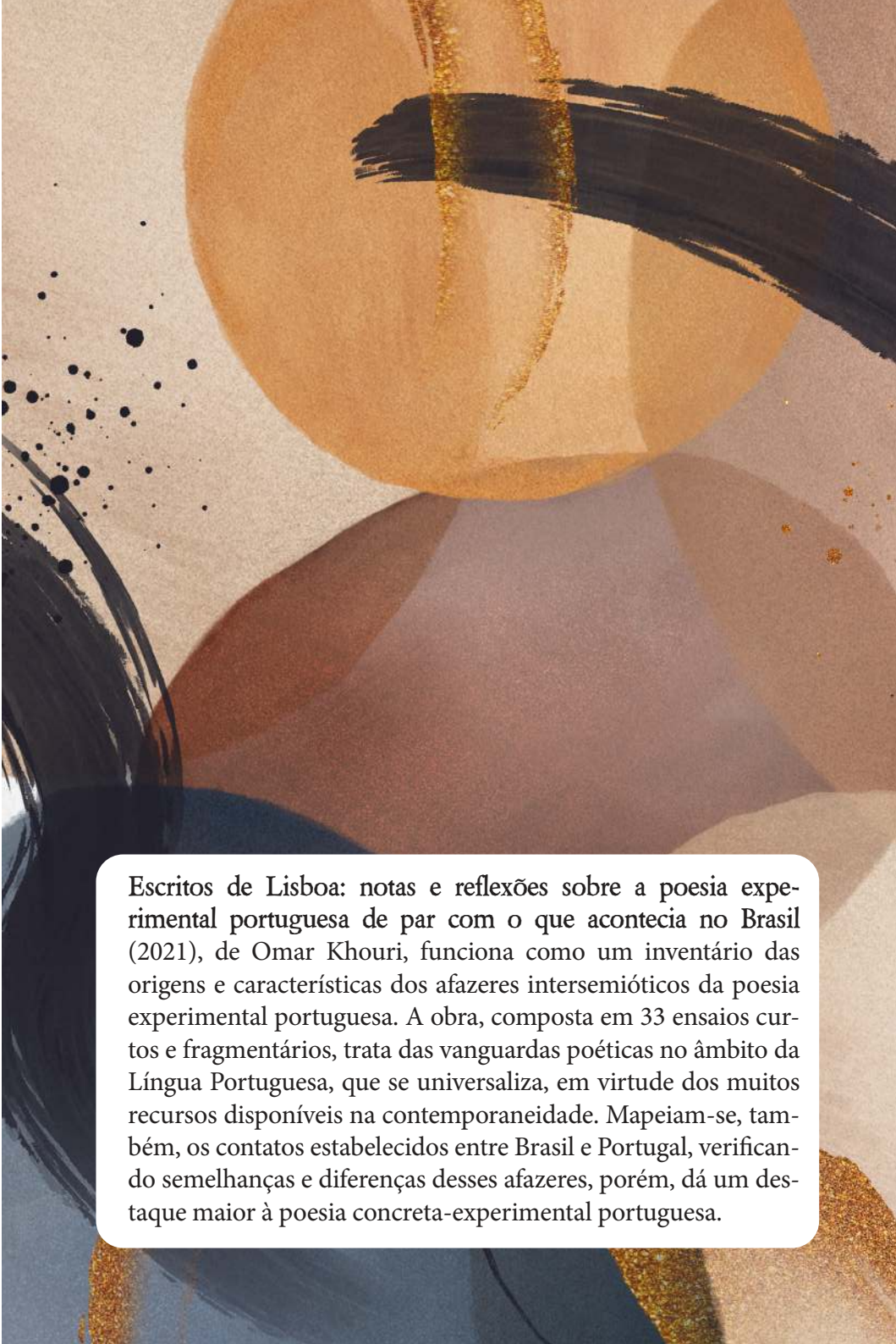
MELO JÚNIOR, Maurício. *Sujeito oculto*. São Paulo: Editora Patuá, 2023



INVENTÁRIO PARA A POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA

RODRIGO DA COSTA ARAUJO


OMAR KHOURI
ESCRITOS DE LISBOA
NOTAS E REFLEXÕES SOBRE A POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA DE PAR COM O QUE ACONTECIA NO BRASIL



Escritos de Lisboa: notas e reflexões sobre a poesia experimental portuguesa de par com o que acontecia no Brasil (2021), de Omar Khouri, funciona como um inventário das origens e características dos afazeres intersemióticos da poesia experimental portuguesa. A obra, composta em 33 ensaios curtos e fragmentários, trata das vanguardas poéticas no âmbito da Língua Portuguesa, que se universaliza, em virtude dos muitos recursos disponíveis na contemporaneidade. Mapeiam-se, também, os contatos estabelecidos entre Brasil e Portugal, verificando semelhanças e diferenças desses afazeres, porém, dá um destaque maior à poesia concreta-experimental portuguesa.

As 33 rubricas nasceram diretamente das pesquisas realizadas na Biblioteca Nacional e são resultados de uma pesquisa de Pós-Doutorado do autor, realizado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Os textos, após ajustes e atualizações, foram veiculados antes pela Rede, em seu *blog*[1] pessoal, e estão aqui reproduzidos, nessa edição em livro-papel, na mesma ordem em que foram primeiramente publicados. Omar Khouri fala do internacionalismo que norteou a Poesia Concreta Brasileira e dessa reverberação na Poesia Experimental Portuguesa, como, também, dos vários rumos que tomaram, mas sempre priorizando a experimentação como premissa, abrindo, portanto, vieses que a tornaram ainda mais produtiva e viva.

Pelos recortes, fica evidente que a Poesia Experimental sempre se configurou como uma prática artística de resistência e de transgressão. Aos olhos do crítico, esta poesia nasce e se desenvolve no que se pode chamar de Era Pós-Verso, instaurada pela Poesia Concreta, nos anos 1950. Os experimentais são poetas que valorizam todas as visualidades, assim como as técnicas que as possibilitam. Todos eles, de alguma forma, fizeram o uso de todos os media que se apresentaram acessíveis, argumenta o poeta e, também, escritor Omar Khouri.

Apelidada com as iniciais de Poesia Experimental, a PO-EX não se configurou como um movimento estético fechado. Embora ambos os países compartilharam da mesma língua e os portugueses terem sido influenciados pela Poesia Concreta Brasileira, a estética teve pouca visibilidade no Brasil. A Poesia Experimental Portuguesa surgiu na década de 1960, desafiando e questionando métodos e convenções pré-definidas na cena artística portuguesa. É também reconhecida em outros países como concreta, visual, espacial ou intersemiótica, mas autodenominou-se, em Portugal, como Poesia Experimental com o lançamento, em 1964, de uma revista com o mesmo nome.

[1] Disponível em http://www.nomuque.net/escritosdelisboa/

Dois acontecimentos, segundo Osmar Khouri (p.11), antecederam em Portugal de manifestações originais da Poesia Experimental: o primeiro, a visita a Lisboa do poeta concreto brasileiro Décio Pignatari (1927-2012), em 1956 e, segundo, a publicação em 1962, pela Embaixada do Brasil em Lisboa, de uma compilação da Poesia Concreta do grupo brasileiro Noignandes. Nesse período, o poeta brasileiro já estava adiantando o estado de criação da Poesia Concreta, com os irmãos Haroldo (1929-2003) e Augusto de Campos (1931-). Esta passagem de Décio Pignatari por Lisboa, portanto, - apesar da pouca repercussão -, assumiu-se como um marco dos experimentalismos poéticos luso e brasileiro.

Juntam-se a Décio Pignatari, Melo e Castro (1932-2020) e Ana Hatherly (1929-2015) que não são os únicos, mas vêm a ser os mais aplicados críticos e estudiosos de Poesia dentre os Experimentais históricos de Portugal. Eles, sem dúvida, são os mais brilhantes e prolíferos. Ela, segundo Omar Khouri (p. 113), mais didática e ele mais teórico, ambos, porém, de extrema importância enquanto poetas e teóricos.

O ensaio também reforça a importância de Stéphane Mallarmé (1848-1898) com *Um Lance de Dados*. A herança mallarméana introduziu o espaço na dimensão poética, ao criar um poema tipográfico de coordenada visual. Sem dúvida nenhuma, o poeta francês "deu e continua a dar frutos" (p.185) desafiando leitores-observadores e a suscitar inúmeras interpretações do texto literário. *Um Lance de Dados* é uma peça fundante, pois, anuncia e embasa a vertente mais criativa e radical da Poesia do século XX.

Escritos de Lisboa: Notas e Reflexões sobre a Poesia Experimental Portuguesa de par com o que acontecia no Brasil (2021) procura responder a uma lacuna bibliográfica verdadeiramente espantosa (tendo em vista as suas cinco décadas de atividade poética e crítica): a ausência de estudos críticos mais alentados sobre a Poesia Experimental Portuguesa. Responde, igualmente, de soslaio, a um movimento de rejeição cultural à tradição

da vanguarda e às práticas artísticas experimentais, perceptível na vida literária no Brasil e em Portugal. Planeja-se, assim, um inventário com esses ensaios curtos, sobretudo para oferecer um panorama crítico dessa estética, das transformações e das mudanças desenvolvidas na Capital lusa e no Brasil.

REFERÊNCIA

KHOURI, Omar. *Escritos de Lisboa:* notas e reflexões sobre a poesia experimental portuguesa de par com o que acontecia no Brasil. São Paulo. Espaço Líquido Editora, 2021. 212 p.

VACA PROFANA:
UM MUNDO LÚDICO E DIVERTIDO

ADELTO GONÇALVES


SILAS CORRÊA LEITE
VACA PROFANA
microcontos
cajuína



I

Escritor polifacetado e autor de vasta obra, Silas Corrêa Leite (1952) acaba de lançar mais um livro, desta vez, uma reunião de contos que leva por título *Vaca profana: microcontos* (Cotia, SP, Editora Cajuína, 2023), breves narrativas e poemas em prosa em que o autor procura colocar para fora "o consciente e o inconsciente também", como reconhece no "quase prefácio: outras palavras" que escreveu à guisa de apresentação de sua própria obra. E que devem ser lidos "de uma assentada", ou seja, de uma só vez, como recomendava o escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849).

A rigor, apresentação da obra é o que não falta neste livro. "(…) Silas é poeta confesso, réu dessa arte, hábil arranjador de ideias travestidas com palavras, disfarçado, como se pretendesse só contar casinhos. Ah, mas quanto ardil! É visgo! E ficamos presos no próximo, e no seguinte, e mais um, e vira-página, e flui, mais um, outro, e vira-página… Metralhadora. E tem pasmo, tem sarro, tem riso, tem siso, tem cisma, tem clima, tem crítica, tem até rima…", lê-se no prefácio que tem por título "E a vaca saiu do brejo", que, por erro de edição, saiu sem assinatura, mas cuja autoria é do teatrólogo, professor, jornalista e gestor cultural Luiz Eduardo de Carvalho, autor de *Crônicas do ofício* (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2022), que carrega mais de cinquenta prêmios literários no currículo, além de participação em dezenas de antologias, feiras e bienais.

Já no texto de apresentação que se lê na primeira "orelha" do livro, Rodrigo da Costa Araújo, ensaísta e mestre em Ciências da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF), observa que as narrativas de Silas Corrêa Leite desafiam "o já estabelecido da literatura canônica e nacional", tal a agudeza de suas reflexões, que "reforçam o olhar atento e sensível do escritor às suas variadas faces com provocações e observações da vida literária e dos muitos circuitos que dela fazem parte".

Por fim, no texto de apresentação que aparece na contracapa, o contista José Augusto Carvalho, doutor em Letras na área de Língua Portuguesa e Filologia pela Universidade de São Paulo (USP), reconhece que "as micronarrativas deste livro são também poéticas, às vezes asquerosas, mas todas fáceis de ler, todas levando à reflexão (às vezes com imagens bonitas, como "bengala de lágrimas")". E destaca que este livro renova a linguagem, com trocadilhos, aforismos e paronímias, ou seja, palavras que são pronunciadas ou escritas de maneira semelhante, mas que têm significados lexicais diferentes, como *resto/rostos*.

II

Da parte deste resenhista, o que se pode acrescentar é que estes microcontos procuram cumprir, ainda que aleatoriamente, os requisitos que o escritor português Eça de Queirós (1845-1900) exigia para que o gênero fosse perfeito, ou seja, que exalasse o poder da fantasia, a sutileza da escrita, a leveza, o traço fino, leve e sugestivo, como se lê em sua *Carta aos condes de Arnoso e Sabugosa*, datada de 8/2/1895, inclusa em sua *Obra Completa* (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, vol. IV, 1997/2000).

Afinal, sua estrutura não comporta uma análise das vivências de uma personagem, como seria comum num romance, gênero de difícil definição, mas apenas o relato de um episódio rápido, uma recordação ou a observação percuciente de um comportamento que fugiria ao usual, fazendo da ironia um exercício permanente da inteligência. Há contos mais extensos, mas, na maioria, estes textos são brevíssimos e ocupam uma página, ou menos do que isso, aproximando-se do poema em prosa, já que vêm escritos numa linguagem metafórica.

Um exemplo é este microconto, de apenas quatro ou cinco linhas, intitulado "Crime", que pode ser reproduzido aqui na íntegra sem maiores acréscimos ao espaço reduzido de uma resenha ou recensão:

> Quando entrou para o Partido Liberal foi que descobriu que o crime compensava e dava imunidade parlamentar. E não havia riscos como nos assaltos a bancos e nas montadas glosas ao Fisco. E ainda podia retornar sempre ao local do crime, pois teria carteirinha do Juízo Eleitoral, o que lhe daria até a guarida da chamada imunidade diplomática. (p. 32).

III

Mais adiante, pode-se ler outra breve narrativa em que se conhece a desdita de um morador da lendária cidade de Itararé, localizada na divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná, que ficou famosa por ter sido cenário de uma batalha que não houve à época do golpe militar de 1930, que passou para a História do Brasil como "Revolução de 30" e pôs fim à República Velha que era dominada pelas carcomidas elites paulistas e mineiras. Nesse miniconto, intitulado "Deuses", constata-se outra vez o uso da ironia:

> Os deuses estavam azedos com Deolindo. E não o bafejaram, nem com fechamentos de ciclos. Por isso, quando ganhou sozinho na Loteria da Sorte Federal, sofreu um mal súbito e foi internado na Santa Casa de Misericórdia de Itararé. O Dr. Jonas de Alencar diagnosticou câncer no cérebro. As memórias todas tinham sido destruídas. Morreu uma semana depois, rico. Rico e sem se lembrar das medidas de aprendizado no andaime financeiro da sobrevivência possível em tempos de vacas magras. (p. 71).

Já no conto "Drogas", a ambiguidade de sentimentos é realçada, exigindo uma atenção concentrada do leitor:

> Finge que é feliz. Pensa que pensa. Acha que é o que não é. Briga com o marido e diz que quer ser ela mesma. O filho perdeu para as drogas, o casamento é de enfeite. Mas quando vai ao Serviço de Proteção aos Animais denunciar que o síndico do Edifício Três Poderes permite cachorros vadios no prédio, arrota grandeza e assedia sexualmente o zelador bem-dotado. (p. 159).

Estes três breves contos ficam aqui como exemplo do que o leitor irá encontrar neste novo livro de Silas Corrêa Leite, uma obra que procura apresentar um mundo lúdico e divertido olhado por um contador de histórias capaz de enxergar o lado escondido do ser humano.

IV

Nascido em Monte Alegre, hoje Telêmaco Borba, no Paraná, Silas Corrêa Leite, além de contista e romancista, é poeta, letrista, professor, bibliotecário, desenhista, jornalista, ensaísta, blogueiro e membro da União Brasileira de Escritores (UBE).

Lançou *Campo de trigo com corvos* (Jaraguá do Sul-SC, Design Editora, 2007); *Gute-Gute, barriga experimental de repertório* (Rio de Janeiro, Editora Autografia, 2015); *Goto, a lenda do reino encantado do barqueiro noturno do rio Itararé* (Florianópolis, Clube de Autores Editora, 2013); *Tibete, de quando você não quiser ser gente* (Rio de Janeiro, Editora Jaguatirica, 2017); *Ele está no meio de nós* (Curitiba, Kotter Editorial, 2018); e *O lixeiro e o presidente* (Curitiba, Kotter Editorial, 2019).

Nos últimos tempos, lançou *Transpenumbra do Armagedon* (São Paulo, Desconcertos Editora, 2021); *Cavalos Selvagens, romance imaginativo* (Curitiba/Taubaté, Kotter Editorial/ Letra Selvagem, 2021); *A Coisa: muito além do coração selvagem da vida* (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2021); *Lampejos* (Belo Horizonte, Sangre Editorial, 2019); e *Leitmotiv: a longa estrada de fogueiras da cor de laranja: diário da paixão secreta de Anne Frank* (Curitiba, Kotter Editorial, 2023).

Silas Corrêa é autor ainda de *Porta-lapsos*, poemas (São Paulo, Editora All-Print, 2005); *O Homem que virou cerveja,* crônicas (São Paulo, Giz Editorial, 2009); e *Favela stories*, contos (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2022). Seus trabalhos constam de mais de cem antologias, inclusive no exterior, como na *Antologia Multilingue de Letteratura Contemporanea*, de Treton, Itália, e *Christmas Anthology*, de Ohio/EUA. É autor do primeiro livro interativo da Internet, o *e-book O rinoceronte de Clarice*, que virou tema de tese de mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e de doutoramento na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

REFERÊNCIA

LEITE, Silas Corrêa. *Vaca profana: microcontos*. Cotia, SP: Editora Cajuína, 2023. 200 p.

SOBRE O *SONETO 155*, DE NOVA DORONT STRAF

ARTURO GOUVEIA


SONETO 155
NOVA DORONT STRAF
INDEPENDENT PUBLISHING
Canadá

Todos devem ter visto a repercussão causada pelo lançamento do novo livro da poetisa canadense Nova Doront Straf. Refiro-me ao livro *Soneto 155*, de cuja qualidade desconfio, confesso, desde o título.

Ora, onde andam os méritos atribuídos à poetisa, se os seus textos, antes experimentais (ver *Assentos atonais*, de 2023, e *Ex-livro sobre tudo*, de 2023), caem agora nos modelos mais convencionais? Um título como *Soneto 155* já tem, ao meu ver, dois problemas. O primeiro é que ele não tem uma semântica mais vaga, que deixasse o leitor a meditar, como no último livro dela, o *Caos no semblante carrara* (2023). O segundo é que o título não é de um soneto, mas de uma crônica sobre uma viagem dela a Stratford on-Avon, na Inglaterra. Essa maneira de enganar o leitor das mais repetidas há um século, ao menos desde *Ulisses*, de Joyce, que não é o nome de nenhum dos protagonistas do romance.

Mas, comparações à parte, permitam-se comentar algumas partes do novo livro para embasar minha decepção. Comecemos pela crônica, para eu mesmo me colocar em xeque em termos de gosto e de estímulo à continuidade da resenha.

Vejamo-lo.

O depoimento começa assim:

> Ontem, manipulado por acasos, vi numa praça uma cena rara: um bêbado, sujo e desprezado, recitando um poema em inglês. A princípio, não tive nenhum incômodo; apenas fiquei na reserva, um tanto paralisado, sob o efeito do recital. Mas, logo depois, comecei a perceber que eu já conhecia aqueles versos. Então a reação foi devastadora, arrastando-me para os piores sentimentos da espécie humana, como aquela podridão dos ossos descrita em algum versículo bíblico. Sim, notei que o bêbado repetia o poema e pude gravar o começo:
>
> *Fragility, our eternal foundation,*
>
> *Makes us disguises of Yorick bones*

Essa primeira parte já tem três defeitos graves. O primeiro é visível: a voz que narra o fato é voz masculina, enquanto a autora é feminina. Como pode uma mulher criar a voz de um

homem? Camuflagens assim não demonstram profundidade nem o real conhecimento de um sujeito por outro. A teórica panfeminista francesa Biurrat Asnat, autora de *Único alcance*, já analisou bem isso. Uma mulher velha, de oitenta anos, não pode ser representada ou descrita por ninguém, a não ser por outra de mesma idade. Romances sobre adolescentes psicodélico-virtuais só podem ser escritos por eles mesmos e só eles mesmos têm condições de ler e entender as experiências deles. Aliás, não se trata apenas de experiência, mas de natureza. Por exemplo, se um músico é cego, a sua música só pode ser entendida por fãs cegos. Por isso se entende por que não é todo branco que compreende e gosta de Machado de Assis, desde que resgataram sua negritude. Confesso que na adolescência fui fã do rock progressivo de Rick Wakeman; mas, ao ver que o roqueiro inglês é muito louro, bem mais do que eu, tomei consciência de que não tenho condições de acompanhar sua arte.

O segundo problema de Nova Doront Straf é o preconceito contra um bêbado recitando em inglês. Ora, ela não esclarece, mas esse bêbado poderia ser inglês, e só os ingleses, pelo lugar de fala, entendem alguma coisa em inglês. Tudo o que eu sei inglês é deturpado, por causa de minha brasileiridade que, a rigor, não consegue nem apreender, em toda sua profundidade, o idioma português.

O terceiro problema do *Soneto 155* está nos dois versos em inglês, que eu não consegui compreender, mas são péssimos.

A crônica prossegue assim:

> Santo Deus, era o Soneto 155 de William Shakespeare, que eu guardava a setenta chaves e pensava que ninguém conhecia!
>
> Esclareço: em 2001, nos quatrocentos anos de *Hamlet*, eu fui a Stratford-upon-Avon para visitar o túmulo do Bardo. Chegando lá, pude ter acesso a uns textos inéditos do poeta. Isso reforçou uma intuição antiga: a obra poética de Shakespeare é incompleta – falta um poema que sintetize toda a penúria do único animal irracional.

> Assim, passei anos indo ao berço de Shakespeare e procurando o texto fatal! Dessa vez, vasculhando a casa antiga, consegui retirar, de umas paredes em ruínas, o mais notável soneto sobre a precariedade da existência. O coração quase pula nas mãos, olhei para trás, não havia ninguém. Então não tive o menor pudor de roubar o texto e saí de lá como o mais feliz dos leitores.
>
> Mal li as duas primeiras linhas, fiquei engasgado como um pássaro engolindo pérolas e balas de bandidos disputando as pérolas. Pensei em colocar meu nome como autor do poema. Seria uma mentira inofensiva: um soneto a menos jamais diminuiria a maior obra de todos os tempos. Fui aprofundando a leitura: a fragilidade é o alicerce da existência humana; todos nós somos disfarces dos ossos de Yorick; Yorick desenterra e suspende o crânio de Hamlet; Yorick é o maior dos protagonistas de Shakespeare; Yorick, em verdade, é o criador de Shakespeare!

Essa parte tão pobre dispensa comentários, porque não tem a menor lógica. Ela é cheia de confusões, misturas de informação, hipóteses que fogem da realidade. Sabe-se, desde Platão e Aristóteles, que a literatura tem que ser racional, conceitual, literal. Por que é que Oppenheimer recitava versos de *Bhagavad Gita*, da literatura japonesa? Porque ele era cientista.

A continuação da crônica repete a mesma incompetência:

> Fiquei pensando se tais ajustes faziam sentido; se alguém (um Francis Bacon da vida, um João de Patmos, um mísero de qualquer praça) já não tinha criado aquele soneto e atribuído (ou vendido) ao maior dos poetas. Mas lembrei de uma teoria que diz que o texto não tem autor. Assim, William Shakespeare é uma assinatura formal; aquele bêbado da praça podia ser William Shakespeare. Essa fusão de possibilidades se acentuou quando lembrei que a linguagem não é só de palavras, mas também de gestos, de qualquer criação humana, de qualquer fenômeno da natureza. Então o texto que eu tinha em mãos podia estar expresso em uma árvore, num animal dos mais primitivos, num buraco da lua ou mesmo na saliva e na sujeira do bêbado. Shakespeare poderia ter espalhado os versos em qualquer dejeto da natureza, na cápsula de um micróbio, em qualquer grão de areia, na neve do Everest; eu mesmo poderia ser o soneto procurado e passei meio século sem me conhecer.

Quando a gente tem a esperança de que o texto vai melhorar, a escritora invade a privacidade do leitor com confissões particulares e com um soneto horroroso de sua autoria. E o pior é que, na parte final, o próprio soneto, ela dá voz ao personagem que mais fala em toda a obra de Shakespeare: Yorick. Se o leitor ainda não leu *O Rei Lear*, vá correndo ler para me confirmar: Yorick, em todas as cenas, rouba a cena de todos e não deixa ninguém falar. E pior é que não tem nenhum toque heroico, como as falas de Júlio César, cujo poder de falar – e em seu lugar de fala – convence o povo a sair com ira por toda Atenas.

Eis a última parte:

Fui caindo de tristeza, visto que o texto, antes mais guardado que a chave de Davi, estava nas mãos de todos. Só não entrei em depressão irreversível porque encontrei, também por acaso, também por inspiração do bêbado, uma forma de traduzir/adaptar (mesmo com letras indigentes) as catorze linhas tão geniais:

YORICK

Violada entre abismo e terra chã,
Tua mansão, tão vil, foi descoberta.
Teu crânio para os homens é um alerta
Maior que a maldição imposta a Cam.

Ela se enlaça em nós com mãos de lã
– Nossa meta mais certa e mais incerta –,
Como a angústia letal que nos aperta,
Como os grãos que afogaram Tzinacán.

Somos todos disfarces de teus ossos,
Máscaras provisórias de destroços,
Cascas sobre ruínas e agonias...

O Príncipe, ao te erguer entre os coveiros
Viu em ti os instantes derradeiros
Dos dias que são seus e nossos dias.

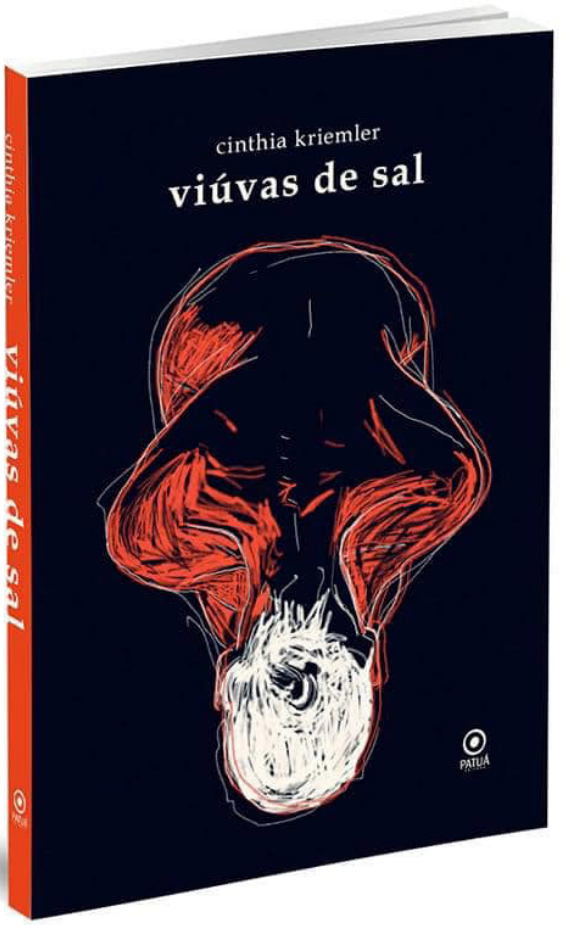
Para enaltecer um poema desses, essa poetisa não conhece os sonetos de Camões – o qual só passei a entender quando perdi um olho. Ela não conhece os versos de Dante – que entendi bem melhor quando fiz um curso de Letras no *Inferno*. Assim, espero que a arte de Nova Doront Straf melhore em seu próximo empreendimento. Minha cidade está cheia de empreendedores com a mesma esperança.

REFERÊNCIA

STRAF, Nova Doront. *Soneto 155.* Canadá: Independent publishing 2023. 150 p.

VIÚVAS DE SAL, HERDEIRAS DO MAL

LUIZ EDUARDO DE CARVALHO


cinthia kriemler
viúvas de sal
PATUÁ



Estou sob o impacto da leitura de *Viúvas de Sal* (romance, Patuá, 2022), da querida Cinthia Kriemler, amiga literária, carioca radicada em Brasília, interlocutora já de alguns diálogos que se intensificam, como se nossas letras aprendessem, terna e gradualmente, a darem-se as mãos, apesar de caminharem por temáticas tão distintas. Cinthia, cabe ressaltar, traz-nos narrativas predominantemente envolvidas com o universo feminino, num viés ativista que investiga, esmiúça e delata os preconceitos, as diferenças e, mais acuradamente, a misoginia, as violências, as perseguições, as discriminações.

Ambientada na fictícia Porto do Xaréu, a narrativa deste seu mais recente título conta a história de viúvas de pescadores que, ao herdarem os postos dos falecidos maridos, formaram uma cooperativa de pescadoras que as articula numa união mais pela resistência do que pela intangível autonomia que indique alguma condição de igualdade. Apesar dessa convergência que as torna semelhantes, são distintas em seus dramas pessoais que perpassam diversos dos mais importantes temas relacionados com a luta por direitos equânimes, pelo empoderamento feminino, pelo domínio de direitos saneadores de suas fragilizadas realidades, mediante a libertação de padrões patriarcais baseados em normas de gênero que historicamente as oprime.

Assim, o enredo abre-se a fatos que ilustram os temas mais pungentes do feminismo: exclusão social, abuso e violência sexual, aborto, mutilação genital, prostituição, manipulação política e aliciamento religioso são apenas alguns dos traumas e dramas apresentados pelo conjunto de personagens, cujo cotidiano encerra-se em dura luta pela sobrevivência num cenário de imensa pressão cultural nos âmbitos político, social e econômico.

O microcosmo representado pelo Porto do Xaréu ilustra com abrangente extensão o lugar em que o pertencimento feminino só subsiste às custas do enfrentamento contra a dominância masculina que, articulada em uma complexa teia de poder, mina quaisquer tentativas de emancipação consistente dessas mulheres. O saldo do embate é violento e deixa muito mais vítimas no lado hipossuficiente, embora derrame também algum sangue dos dominantes, mais como consequência de resistências pontuais em questões circunstanciadas do que como resultado de uma articulação coletiva pautada no enfrentamento das desigualdades impostas pela prevalência patriarcal.

Assim, a associação laboral torna-se a alegoria para a reunião de fragilidades que, em conjunto, revelam a extensão dos danos causados mediante as diferenças impostas pela per-

versa dinâmica da desigualdade de gêneros aceita como valor natural em nossa sociedade machista.

Não bastasse a imprescindível incursão temática, o livro é também um primoroso exercício de narrativa: enxuta, objetiva, realista, tecida com frases curtas e contundentes, sem ornamentos metafóricos ou outras distrações estilísticas na tessitura do texto, o que contribui com imensa sinergia para a criação do clima de aspereza, escassez e litígio que o enredo propõe. Assim, o que facilmente poderia ter se tornado um libelo pela causa feminista, caso fosse entornado no bojo de caudalosas digressões ou densas e herméticas figurações, torna-se um franco estímulo à reflexão sobre as causas e consequências desta questão estrutural tão difícil de combater.

Longe de apontar auspiciosas soluções mágicas, ***Viúvas de Sal*** deixa-nos náufragos, à mercê dos fatos que apresenta com o fito de ilustrar a complexa realidade por cuja mudança convoca-nos ao alistamento, na frente de uma luta ainda muito longe de ser vencida. Melhor assim: um passo consistente rumo à verdadeira conscientização e consequente engajamento, muito mais valioso do que toda uma caminhada de devaneios por falaciosas soluções alienadas dos verdadeiros mecanismos que envolvem e subjugam as vítimas desta desmedida opressão.

REFERÊNCIA

KRIEMLER, Cinthia. *Viúvas de sal.* São Paulo: Patuá, 2022.




PARTE DOIS
ARTIGOS



APATIA SEM PÁTRIA

FLÁVIO R. KOTHE





1.

A apatia está dominando as mentes, que fazem de conta que tudo está bem, que tudo vai acabar dando certo. Não se quer discutir, ninguém quer se expor. O debate está exorcizado. A universidade fabrica mão de obra especializada, sem formação geral, humanística. Num mundo de ferramentas, cada um se torna ferramenta de ferramentas. Sabe-se que poderia haver uma busca interdisciplinar, que a verdade depende dos ângulos pelos quais se busca o objeto, num processo de revisão permanente.

Que chance tem um intelectual sul-americano de ser reconhecido na Europa ou nos Estados Unidos? Praticamente nenhuma. Os intelectuais das metrópoles como França, Alemanha e USA não conhecem português nem espanhol, não se preocupam em ter acesso ao que é publicado nessas línguas. Línguas filosóficas são, para eles, grego, latim, francês, alemão e inglês. Do resto nem se fala, não se fala. Pouco vale, acham eles.

Até que ponto podem ter razão? Não se trata de comparar o número de teses defendidas numa língua ou outra. O que importa é a densidade e qualidade do texto. Há dados históricos que não temos mais. Não sabemos, por exemplo, o que da filosofia grega foi aprendido na universidade de Luxor, como era a exata redação de Platão ou Aristóteles. Não se sugere que se possa ignorar a tradição metafísica europeia. Quem fizer isso é um ignorante que nada terá a acrescentar.

A melhor formação em escolas e universidades brasileiras não alcança à que se pode obter nas melhores da França, Suíça, Alemanha, Inglaterra, USA. Se assim é, o sujeito não nasce "*monkey*", mas é tratado como tal por imposição das circunstâncias. Isso não quer dizer que ele seja, ao ser rotulado como tal. Aplicado a um craque de futebol, o grito da torcida inimiga revela o temor da qualidade do jogador. Não se trata, portanto, apenas de formação deficitária e sim de verificar os critérios dos rótulos. Enquanto valerem apenas os parâmetros das metrópoles, as "colônias mentais" vão sempre ser consideradas inferiores.

Heidegger achava que toda a filosofia e ciência era grega na origem. Ele fez a releitura de termos básicos, mostrando como a tradução latina havia perdido o sentido originário. Daí ele caiu num fetichismo filológico, achando que a filosofia devia ser centrada na hermenêutica de termos gregos. Não levou em conta limitações claras do pensamento grego, desde a crença nos deuses (que acompanha a epopeia e a tragédia) nem no erro de Platão ao apontar o heliocentrismo como ápice da ver-

dade em negação ao geocentrismo. Da perspectiva da astrofísica, as duas propostas são errôneas, como era um erro acreditar que um Apolo antropomórfico pudesse carregar o sol pelos céus. A descoberta da infinitude dos espaços siderais abala os conceitos de infinito e finitude. A descoberta do inconsciente refaz a visão que se pode ter do eu cognitivo. Nietzsche foi mais aberto a essas revoluções.

2.

Isso leva a questões delicadas. Será que o homem é quem determina o ser dos entes se ele nem sequer conhece a maior parte do que existe nos espaços siderais? Pode-se falar em "parte" quando não se tem um todo delimitável? Será o homem o único detentor de linguagem, o único que sabe que vai morrer? Será que o animal, sendo *weltarm* (pobre de mundo) faz de todo homem um "*weltreich*"? A maioria dos humanos é negacionista, opta pela pobreza mental. Não acredita que vai morrer. Acha que tem uma alma eterna ou um espírito capaz de transmigrar. O "mundo" não pode mais, porém, ser definido como aquilo que está no horizonte do homem, sendo este o único "*Dasein*", aquele que está aí e sabe que está. É pobreza supor que todo animal é pobre em mundo e todo ser humano é rico em mundo. A prepotência da escravidão e do colonialismo não parece questão relevante para os filósofos europeus e americanos não marxistas.

Dizer com Heidegger que a pedra não tem mundo, que o animal é pobre em mundo e que só homem tem mundo é unilateral, é recair na tradição metafísica cristã. É ignorar que homens ricos têm mais mundo, mais mundo à disposição, do que os pobres deste mundo. Uma pedra, diria Nietzsche, tem a capacidade, pela força da gravidade, de perceber a existência de outras massas, é capaz de tender a se aproximar ou se afastar e de se assimilar. Ela tem, portanto, intelecção, reação afetiva e capacidade volitiva. Evola-se, portanto, aquilo que seria o prin-

cípio de distinção do ser humano. Nietzsche previa que nos 300 anos seguintes não haveria compreensão para isso na filosofia. Metade deste tempo passou. Heidegger, Derrida e outros continuam dentro da regressão metafísica.

Isto é relevante para o pensamento sul-americano. Quando Derrida discute Robinson Crusoé, perde de vista a dimensão fundamental de Defoe, que era a defesa do colonialismo inglês em contraposição ao espanhol. Embora tenha nascido na Algéria, tem a perspectiva senhorial do Otanistão, em que a perspectiva dos "subdesenvolvidos" não conta, não existe. Quando discute "a besta e o soberano" evita o tema principal, que é a relação entre colonizado e colonizador? Quando discute se o homem tem mundo, o animal é pobre em mundo e a pedra não tem mundo, faz variações em torno de Heidegger, mas os dois não discutem se, quanto mais pobre o sujeito ou o país, menos mundo ele tem. Não conseguem se despir da arrogância cristã de que somente o homem tem alma, tem noção da própria morte.

Animais sabem quando estão ameaçados de morte e procuram evitar a destruição, se puderem. Eles têm sentimentos, têm a sua forma de consciência, a sua linguagem. Que o homem ocidental não entenda isso, significa apenas que ele é menos humano do que pretende. Ele é mais "animal" que o animal. É um suicídio da natureza, a espécie que deu mais errada, a mais destrutiva do planeta. Sua civilização é barbárie.

A filosofia se torna um mecanismo de alienação. Não é acaso que a "filosofia moderna europeia" chegue ao apogeu com a formação dos grandes impérios inglês, francês e americano. Aventar que antes havia os impérios espanhol e português, que foram devorados pelo inglês, que foi devorado pelo ianque, significa examinar que os dois reinos foram dominados pela Igreja Católica, que evitou o filosofar fazendo a racionalização da crença na escolástica. A superação da escolástica está dentro dessa transição de impérios.

O que vemos acontecendo é um processo de pluralização de potências com a emergência da Rússia e da China. Os membros do BRICS terão de repensar seus fundamentos conceituais e suas avaliações, para não continuarem dominados pelas metrópoles europeias. Adultos e jovens sul-americanos não estudam russo nem chinês: inglês já lhes basta. A filosofia ocidental precisa ser pensada como ideologia de dominação. A arquitetura de Washington imita a greco-romana porque o país queria ser – e conseguiu – quem domina o planeta como defensor da cultura dita superior. Schopenhauer fez o desvelamento da natureza da filosofia ocidental ao dizer que a interpretação do mundo é expressão da vontade, tendo Nietzsche feito o adendo de que não seria mero desejo, como pensou Freud depois, mas uma vontade de poder, de dominar, de impor a vontade a tudo e todos.

O ser humano pretende dizer como "as coisas" são, quer ditar o que tudo seja, ele "diz" o que "o mundo é". Somente ele teria "mundo", segundo Heidegger. Ora, diante da imensidade dos espaços siderais, não há "universo", algo fechado que teria o homem como centro: a "vontade" não é nada. Não há um "todo fechado" com que se constitua um "círculo hermenêutico". Não há plenitude de "mundo" para o homem, mesmo que ele creia que é "mundo" o que ele supõe que seja. Que alguns países tenham conseguido dominar continentes não significa que venham a ser soberanos dos espaços siderais, por mais que lancem foguetes, naves e sondas.

Supor que o homem se distingue do animal e da coisa porque é o único que sabe que vai morrer – como repetem Heidegger e Derrida – é ignorar duas coisas primárias: a grande maioria dos humanos é negacionista, nega que vai morrer; um cabrito sendo levado para ser degolado ou um porco perto da faca fatal gritam pedindo para não serem mortos, porque sabem que vão ser. É cômodo achar que não têm noção da morte para serem mantidos nos campos de concentração em que galinhas e porcos são atualmente criados. O cristão imagina até que o seu deus deu a própria vida para salvar os

homens: se o deus fez, por que animais e plantas não fariam? Apaga-se a má consciência de que sua própria vida se nutre da morte da vida alheia. Religião é alienação.

3.

Tais observações banais e grosseiras não entram na sutil reflexão dos pensadores das metrópoles. Eles evitam com cuidado todos os temas cruciais em que se exponham problemas delicados. Evitam apontar defeitos e lacunas neles mesmos. Os seus discursos não aprofundam questões que, da perspectiva "periférica", seriam relevantes.

O negacionismo ibérico foi transposto e imposto na América dita Latina pela Igreja Católica ligada ao poder central. A administração cortesã queria um modo de controlar os enviados do poder central, para que não se aliassem às forças locais e proclamassem a independência (como acabaram fazendo, para cair em novas formas de subserviência). Os enviados da Igreja cumpriam esse papel e eram pagos por isso. Até hoje os cristãos não ousam violar a doutrina da fé, pois temem perder a salvação. O cristianismo interioriza o escravismo, a relação senhor/escravo, na relação divindade/crente. Aí só resta ao inferior rogar pela comiseração senhorial jogando-se a seus pés. Algo semelhante se faz em dissertações e teses.

O catolicismo foi a via régia para implantar a duplicação metafísica do mundo na América do Sul: era um neopitagorismo, que não sabia que era, pois não se via como escola de filosofia e achava que a fé estava acima da razão. A metafísica não veio para a América Latina como filosofia e sim como crença, portanto como algo dogmático, que era preciso aceitar e assumir sem questionamento, pois se não estaria periclitando a salvação eterna. Não se discutia se o homem tem alma ou não, como ela poderia ou deveria ser entendida. Ficar do lado do senhor era a salvação.

Embora o platonismo cristão queira se basear em Platão, não é idêntico, pois a fala irônica de Sócrates contém sempre uma duplicação, em que ele não diz o que pensa. Esse "platonismo" fica aquém de Platão, pois este não propunha ideias como puras formas e sim como protótipos, em que haveria uma unidade de forma e matéria. O "espiritualismo" dominava o espaço helênico, com a crença na transmigração das almas.

Em sua variante católica nos períodos colonial e imperial, o cânone literário brasileiro participa dessa duplicação, é um agente de sua propaganda e, ao mesmo tempo, um testemunho involuntário de suas sequelas: templo a ser decifrado no tempo. Desde o início, o contato com a "América" foi uma projeção dessa duplicação. A tradição letrada sugere que a europeidade é boa, tornando má a resistência a ela: uma era o ser, e a outra, o nada; uma era a utopia, e a outra, o inferno; uma era civilização; e a outra, barbárie.

Isso reproduz a dominação da metrópole sobre os territórios invadidos. Ser senhor aí é bom; ser escravo, mau. Cabelo liso é bom; o de molinha de isqueiro, ruim. Religião e arte servem para interiorizar a dominação, crendo que ela é a salvação. Bom é se identificar com o senhor, submeter-se à sua vontade, corresponder aos seus desejos. Não se aprende aí que o senhor é servo do servo, o que só se há de descobrir se este não se submeter a ele.

Pensar é refletir. E não é, pois é preciso ir além de apenas ficar refletindo luzes alheias. O colonizado acha que só pensa quando reflete a fala do colonizador. Ele vê na metrópole a luz que o ilumina. Sua "reflexão" é um reproduzir as luzes advindas dos "grandes centros", que ficam todos nas capitais das metrópoles. Ele não pensa por si ao "refletir".

Esta postura de submissão pode se dar na "atualização bibliográfica" de uma tese, mas está também na postura de querer ignorar a arte, a ciência, a teoria produzidas nas metrópoles. Supor que a "minha aldeia é um mundo" não quer ver

que o mundo é mais que uma aldeia. É uma arrogância que não consegue competir com a obra mais densa, com o melhor da produção mundial.

4.

Nos países que foram metrópoles colonizadoras, há latente certa arrogância, em que muitos continuam se achando superiores e com o direito de menosprezar os "subdesenvolvidos". Isso pode aparecer como racismo, tendo subjacente a pretensa superioridade do colonizador. Enquanto ainda havia União Soviética, se falava de "terceiro mundo". O "comunismo" parecia ser uma utopia alternativa, para não ficar restrito ao modelo capitalista. O estranho é que desde 1945 as potências europeias se tornaram colônias de uma antiga colônia inglesa, países que não são independentes nem soberanos, mas acham que ainda são senhores: tanto mais ostentam ser quanto menos são.

A "civilização" trazida para as Américas pelo colonizador era barbárie. O modo de o aborígene conviver com a natureza, sem a destruição sistemática imposta pelo colonizador, era mais civilizada. Portanto, o que pretendia ser civilização era barbárie; o que foi rotulado de bárbaro, civilização.

Não se pode esperar, por ora, que intelectuais franceses, ingleses, alemães, norte-americanos levem a sério o pensamento latino-americano. Começa com o fato de que em geral não conhecem nem espanhol nem português, muito menos aimará ou guarani. Seriam equivalentes. Não representariam lacuna. O que for escrito em português equivale ao que fosse em aimará, 0 = 0, nesta lógica imperial. Eles não buscam conhecer essas línguas, pois estão convencidos de que não vale a pena o esforço de acompanhar o que é publicado nelas. Eles podem aparentar simpatia com visitantes sul-americanos quando esperam que estes sirvam de difusores de suas obras para o desenvolvimento intelectual das antigas colônias.

O crente e o colonizado param de pensar quando chegam aos limites das convicções e/ou conveniências. Kant deixou claro que não queria nunca ultrapassar o que era postulado pelo luteranismo: exatamente aí se deveria começar a pensá-lo, mas é onde o respeito ao grande pensador impõe o cessamento do embate. Um católico acha natural que o bispo de Roma seja o chefe de todos os católicos e que recursos sejam carreados há séculos do mundo inteiro para Roma. Para os italianos é bom que a cada ano milhões de turistas circulem por lá para ver os "tesouros da arte sacra" acumulados em milhares de igrejas. Eles podem ter como papa até um argentino que fala italiano feito um nativo, nada se altera no esquema da dominação pela crença.

Que os "americanos" celebrem suas vitórias na guerra digital que estão travando há um século, com artistas comovidos a celebrar a igualdade da diversidade sem olhar a questão central da igualdade social num modo de produção que aumenta cada vez mais a distância entre donos de meios de produção e o resto, isso pode ser compreensível. Chame-se a celebração Tony, Oscar, Urso de Ouro ou algo similar, o problema é os colonizados torcerem por premiações alheias como se fosse em causa própria; é ficarem noite após noite vendo filmes de faroeste, séries policiais, novelas de detetives como se fossem mera diversão, não doutrinação, lavagem cerebral, ritos encenando mitos. Os "grandes nomes" das metrópoles não estão dispostos a reconhecer as limitações de seu empoderamento. Não conseguem nem querem.

Os intelectuais das metrópoles encenam o papel de senhores do pensamento. Ignoram os servidores das distantes colônias mentais. Países europeus, que foram metrópoles e perderam a soberania desde o fim da Segunda Guerra com a presença de tropas americanas em seus territórios, não estão dispostos a reconhecer que se tornaram colônia de uma colônia, mesmo quando falam em soberania. Querem recolonizar a metrópole que os colonizou.

5.

Quando Derrida se põe a comentar em aulas os seminários de Heidegger sobre a finitude, traz o romance de Defoe, *Robinson Crusoé*, como contraponto. Mais adequado teria sido trazer algo como *A ideologia alemã* de Marx. Quando Defoe diz que a ilha é deserta, isso passa batido, como se árvores, animais, aborígenes ocasionais lá existentes fossem areia. Embora cite, não desenvolve a questão central que é a disputa do colonialismo inglês com o espanhol e o crescimento capitalista à base do *self made man*. Isso já foi dito, mas fica submerso. Discute-se a diferença entre homem e animal sem ver se o homem é mesmo um só ou se há homens muito diferentes quando uns são senhores da metrópole e outros são serviçais das colônias. A história evapora na metafísica, embora se proponha debater o tempo no que chamam de ser e o ser no tempo.

Entre o intelecto das metrópoles e o sul-americano se estabelece uma relação como se fosse entre senhor e servo, sem que se use a *Fenomenologia do espírito* de Hegel para entender o que se passa. O senhor tudo pode, com a empáfia e arrogância de quem se considera sabichão; ao serviçal cabe somente obedecer aos comandos recebidos, ele não tem o direito de questionar a fundo o emanado dos bem-pensantes. O intelectual europeu ocidental pode dizer o que quiser, omitir o que lhe for conveniente, deformar o que lhe aprouver: o colonizado só vai aplaudir, obedecer às orientações recebidas.

Na carroça do pensamento, o servo será o burro de carga, obedecendo aos puxões das rédeas, aos comandos da boleia. Precisa conformar-se com o papel de satélite: refletir a luz do seu astro-rei. Está predestinado a ser Caliban, variante de canibal, na relação em que o espírito europeu é visto com a leveza de Ariel. Se Shakespeare assim fez *The tempest*, não há como fazer uma tempestade no copo d'água do pensamento colonizado. Agitar a água será ridículo.

Hegel chegou a sugerir que o senhor depende, para ser senhor, do fazer do servo e que, portanto, o senhor é servo do servo e o servo é senhor do senhor. Isso na teoria; na prática é mais difícil. Marx transpôs isso para a relação entre capital e trabalho, para entender a luta de classes. Sindicalistas achavam que poderiam mudar a história com a greve geral, em que todos os trabalhadores se recusariam a continuar servindo aos senhores do capital. Zola mostrou, no *Germinal*, como os mineiros do carvão viviam em condições precárias e como os senhores tinham recursos para reprimir a greve.

Na era da informática, seria possível imaginar que intelectuais dos países colonizados promovessem encontros virtuais em que pudessem trocar pontos de vista, reconhecer denominadores-comuns anticoloniais, formar uma frente ampla contra a dominação das metrópoles. Poderiam montar um BRICS mental, com espaço para pensamento russo, chinês, indiano e assim por diante, para que se quebrasse o eurocentrismo das metrópoles coloniais. O mais provável é que encontrassem patriotas a exaltar obras menores locais como *non plus ultra*.

A consciência possível ao senhorio não é necessariamente inferior à dos servos, já porque ele conta com melhores universidades, bibliotecas, centros de pesquisa, condições de labor. Seria um passo, porém, se os servos conseguissem saber o melhor que os senhores sabem e passassem a desconfiar que suas realidades impõem encarar com outra ótica as proposições advindas das metrópoles. A diferença deveria ter a liberdade de sonhar com algo que fosse além do pensamento tético e até de seu próprio âmbito antitético, para discernir algo que fosse mais amplo do que os espaços restritos em que se vive hoje na universidade e na mídia.

6.

Na atual conjuntura, o pensamento sul-americano não pode esperar ser reconhecido nas metrópoles. Intelectuais das línguas inglesa, francesa ou alemã não estão interessados no que se escreve em português ou espanhol, quéchua ou guarani. Não acham relevante. Os intelectuais sul-americanos aprenderam a aprender inglês, francês ou até alemão, mas não russo ou mandarim. Talvez não precisem, pois já existem programas que fazem traduções razoáveis em pouco tempo. O que eles precisam é de informações sobre este mundo mais amplo e a convicção de que existe algo mais do que a Rive Gauche.

Os catedráticos que comandavam nossas universidades queriam discípulos que seguissem suas pegadas, carregassem suas pastas, e não cérebros que fossem capazes de pensar por si. Com exceções, reproduziam no âmbito interno a relação colonial externa. Mudou-se a carreira acadêmica, o resultado parece continuar o mesmo, com raros pensadores originais.

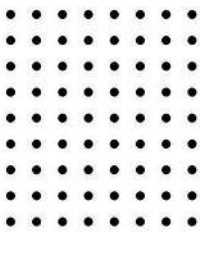
Nietzsche dizia que todo grande mestre tem somente um discípulo digno dele: exatamente aquele que vai apunhalá-lo pelas costas. Era uma brincadeira cruel com César, mas reproduzia o que ele próprio havia feito com Schopenhauer, que Hegel fizera com Kant (e Marx com Hegel). Harold Bloom ganhou fama reproduzindo isto: todo grande escritor segue um autor modelar, mas só se torna grande quando consegue superar os limites do seu tutor. Querer que o senhor se torne melhor com as eventuais críticas e objeções que os discípulos coloniais possam fazer é uma dupla ingenuidade: nem o senhor está disposto a ouvir o que se diz na roça nem o problema está em detalhes do pensamento.

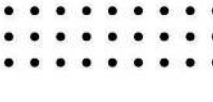
Bertolt Brecht retomou a dialética de Hegel na peça *O senhor Puntila e seu criado Matti*. O senhor só se torna bonzinho quando está bêbado. Se o criado acreditar que vale o que o bebum diz, vai alimentar esperanças que serão frustradas. É engraçado por ser bastante trágico. Não se pode ignorar a gran-

de tradição das metrópoles. Sem conhecer Brecht, Marx, Hegel, Fichte, Kant, Descartes, Pascal e assim por diante, não se vai dialogar com países que os têm na sua formação de base. Não se substitui a lacuna por brados patrióticos, com a proclamação de que a aldeia vale o mundo inteiro. Não adianta querer enfrentar com flecha e tacape quem vem com metralhadora e drones.

Enquanto as regras de avaliação forem ditadas por modelos consolidados em alguns locais das metrópoles, as instituições dos "subdesenvolvidos" não terão chances de concorrer. Elas terão de aprender a se desenvolver. Terão de ver como superar os limites imperantes, em vez de insistir em descartar os que são capazes de ultrapassá-las.

A antropofagia crítica da alta cultura das metrópoles não se faz com a louvação do *beau sauvage* nem com a piadinha de que o problema ontológico é odontológico ou que *tupi or not tupi, that is the question*. Pode ser engraçadinho, mas é ordinário. Não se será convidado a sentar nas academias das metrópoles nem como membro correspondente. Se as futuras gerações não forem politizadas, se não aprenderem desde pequenas as grandes obras de filosofia, literatura, economia, políticas, se não tiverem a coragem de pensar por si, vai-se continuar no negacionismo, sem o difícil caminho da criação original. O subdesenvolvido, para se desenvolver, precisa aprender a deixar de ser seu próprio inimigo.

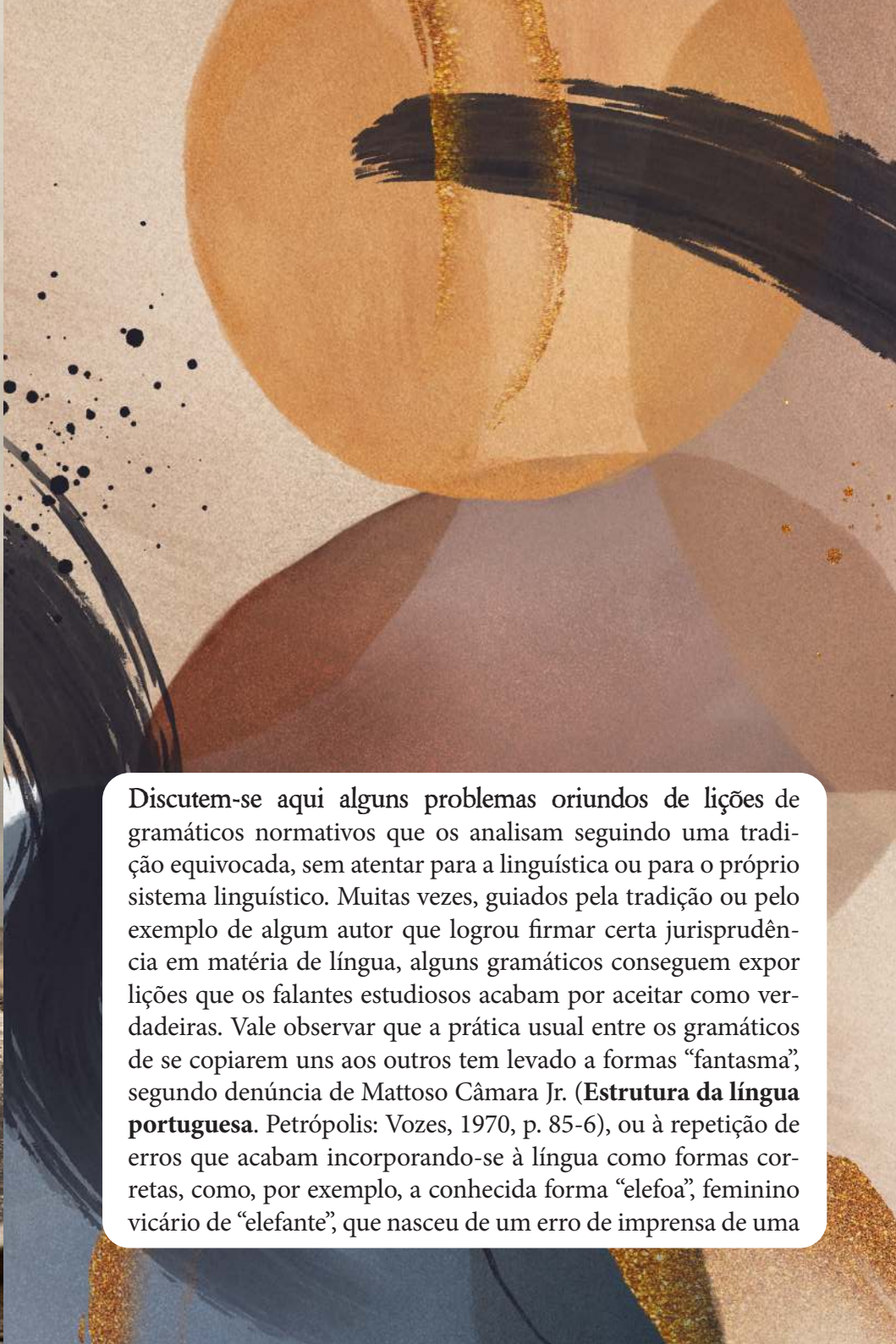


ALGUNS EQUÍVOCOS GRAMATICAIS

JOSÉ AUGUSTO CARVALHO





Discutem-se aqui alguns problemas oriundos de lições de gramáticos normativos que os analisam seguindo uma tradição equivocada, sem atentar para a linguística ou para o próprio sistema linguístico. Muitas vezes, guiados pela tradição ou pelo exemplo de algum autor que logrou firmar certa jurisprudência em matéria de língua, alguns gramáticos conseguem expor lições que os falantes estudiosos acabam por aceitar como verdadeiras. Vale observar que a prática usual entre os gramáticos de se copiarem uns aos outros tem levado a formas "fantasma", segundo denúncia de Mattoso Câmara Jr. (**Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 85-6), ou à repetição de erros que acabam incorporando-se à língua como formas corretas, como, por exemplo, a conhecida forma "elefoa", feminino vicário de "elefante", que nasceu de um erro de imprensa de uma

edição da **Grammatica descriptiva**, de Maximino Maciel, segundo denúncia de Mário R. Martins, citada por Luiz Autuori, na nota da p. 66 do livro **Nos garimpos da linguagem** (7. ed.. rev. e atual. Rio de Janeiro: Record, 1976.). O próprio Mattoso Câmara Jr. teve uma afirmação sua copiada irrefletidamente por alguns gramáticos atuais. Em seu **Manual de expressão oral e escrita** (Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961, p. 153), Mattoso Câmara diz que em expressões como "Hoje é 6", a concordância no singular é possível por considerarmos que se omite aí a palavra "dia": "Hoje é dia 6". Ocorre, no entanto, que, nas edições posteriores de seu livro, Mattoso Câmara suprimiu esse parágrafo ousado, o que não foi levado em conta pelos gramáticos que o copiaram. Uma consequência de certa forma danosa desse hábito de copiar autores alheios terá sido o problema da multiplicidade de formas para o feminino e plural dos nomes terminados em -ão. Vejamos alguns desses problemas.

1) **Tevê a cores / em cores** – Há gramáticos, entre os quais Napoleão Mendes de Almeida, que repudiam como erradas as expressões *tevê a cores* e *tevê de cores*, e recomendam apenas *tevê em cores* sob a alegação de que, no Brasil, não se diz *tevê a preto e branco*, mas apenas *tevê em preto e branco*. Na verdade, a expressão *tevê em cores* é menos vernácula do que *tevê a cores*, já que *tevê em cores* me parece um galicismo (Cf. *télé en couleurs*). Em Portugal, diz-se televisão a cores/a preto e branco. Ora, as preposições **a, de** e **em**, com frequência se podem intercambiar em várias expressões, sem que se possa afirmar que apenas uma seja a correta. Senão vejamos: fogão à lenha / de lenha; panela de pressão / à pressão; vestido de muitas cores / em muitas cores; barco de vela / à vela; navio de vapor / a vapor. O fato de não se ouvir, no Brasil, *televisão a preto e branco* não significa que se trate de expressão condenável, mas apenas de um padrão não preferencial. A norma restringe o sistema. O sistema, por exemplo, permite que se diga *à manhã*, como se diz *à tarde* e *à noite*, mas a norma não permite (cf. *de manhã*, *de tarde*, *de noite*). O sistema aceita que o feminino de *diretor*

seja tanto *diretora* quanto *diretriz* (cf. *ator/atriz*), mas a norma reservou *diretriz* para a metalinguagem da ciência, e reservou apenas *diretora* para o feminino de *diretor*. Da mesma forma, é a norma que não permite que se diga, por exemplo, *televisão de cores*, embora o sistema permita essa construção.

2) **Frei / frade** – Apócope é o nome que se dá à supressão de sons no final de um vocábulo. Assim, são apocopadas formas como *cem* (cento), *grã/grão* (grande), *mui* (muito), *são* (santo), etc. Muitas das formas apocopadas são proclíticas, isto é, só se usam antes de nome, por terem perdido a tonicidade própria. Assim, não se diz que fulano é grão, mas que fulano é grande. No entanto, dizemos grã-fino, grão-duque, Grã-Bretanha. Não dizemos que Francisco de Assis é são, mas dizemos "São Francisco de Assis é santo". Não dizemos que "amigo ele é mui", mas dizemos "mui amigo". Para mostrar o caráter átono de *são* (apócope de *santo*), basta atentarmos para a proximidade fônica entre *São Tiago* e *Santiago*. *São*, em *São Tiago*, soa como sílaba pré-tônica, como *san*, em *Santiago*. A palavra *freire* perdeu sua articulação integral e hoje só se usa a forma apocopada *frei*. *Frei* só se usa antes de nome, exatamente como *são* ou como *mui*: "Frei Galvão é um santo frade" e não "Frei Galvão é um santo frei." O nome *frade* (que significa um padre de uma ordem, como frade franciscano ou frade beneditino) substituiu o nome *freire*, desaparecido em sua articulação integral. Da mesma forma, o feminino *sóror*, embora não seja forma apocopada, só se usa, como *frei*, antes de nome: *frei José*, *sóror Helena*. O feminino de *freire* é *freira*, mas, como *freire* não se usa mais, *freira* passou a ser feminino vicário de *frade*. Assim, temos: frade/freira; frei/sóror. Não se use, portanto, *frei* isoladamente, mas sempre seguido de nome, como, aliás, consta do Dicionário Houais, s.v..

3) **Sequer** – Os bons dicionários de língua, pelo menos até recentemente, davam para *sequer* o sentido de "ao menos, pelo menos", sem valor negativo, como neste exemplo de Camões: "Mova-vos já, *sequer*, riqueza tanta,/ Pois mover-vos não pode

a Casa Santa!" (**Os Lusíadas**, VII, 11; há outros exemplos camonianos, como em **Os Lusíadas**, V, 71), ou como neste exemplo de Rui Barbosa: "Era, *sequer*, possível que assim não fosse?" (**Réplica.** Rio de Janeiro: Conselho Seccional do Rio de Janeiro da OAB/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, p. 7-8, v. 2; há outros exemplos, nas páginas 297, 330 e 412 do vol 2, e na p. 22 do volume. I) Um exemplo mais moderno de *sequer* (sem sentido negativo) está no prefácio do **Curso de Tupi Antigo** (Rio de Janeiro: São José, 1956) do Pe. Lemos Barbosa: "Este curso de Tupi Antigo pretende facilitar o conhecimento do idioma falado pelo grupo mais importante de índios do Brasil. Língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, *sequer* superficial, faz parte da cultura nacional."

A tendência à utilização de *sequer* com sentido negativo, ao lado do sentido positivo tradicional, pode tornar ambíguas frases que não deveriam ser ambíguas, como no trecho seguinte, de Geir Campos, tirado do primeiro parágrafo do conto "O vestíbulo", que dá nome ao livro: "Não me lembro de haver querido entrar: eu vinha apenas passando, encostado ao muro, aproveitando a sombra dos edifícios. *Sequer* me ocorre o nome ou a posição daquela rua, ainda a tais horas tão cheia de gente que se comprimia (...)." (CAMPOS, Geir. **O vestíbulo**. São Paulo: Ática, 1979). Uma pergunta: no exemplo dado, o narrador se lembra ou não do nome ou da posição da rua? Para evitar ambiguidades desse tipo, o melhor mesmo é seguir a tradição da língua: utilizar sequer com valor de *ao menos, pelo menos*. Para que *sequer* tenha efetivamente o sentido negativo, o melhor é usar "nem" ou outra forma negativa antes: "Ele saiu e nem sequer se despediu. Ele não sabe sequer o meu nome."

4) **Pingue** – A sinestesia leva-nos às vezes a dar cores ou formas aos sons. Há um soneto famoso de Rimbaud em que ele subverte a sinestesia dando cores às vogais de maneira pouco usual: a negro, e branco, i vermelho, u verde, o azul. Um falante

do francês ou do português daria de preferência a cor negra ao u (túmulo, catacumba, urubu, cru, etc.) e a cor clara ao a (clara, mar, bala, fala...). Se não me engano foi Paul Valéry, quem disse que a palavra *jour* ("dia") deveria designar a noite, por ser sombria, e *nuit* ("noite") é que deveria designar o dia. Presume-se que "maluma" signifique algo gordo, além de fúnebre, ou que "taquete" signifique algo fino. Da mesma forma, é possível que a vogal tônica do adjetivo "pingue" leve a pensar tratar-se de algo fino ou pequeno. Daí o engano de um vereador ao reclamar melhores salários porque o que constava do seu contracheque era muito "pingue". Se o salário dele era pingue, não haveria por que reclamar. Afinal, *pingue* significa exatamente: gordo, farto, abundante! É necessário cuidado com o uso de certos nomes, cujo sentido pensamos saber. É o caso de um jornalista que chamou de "rastaquera" ao discurso de um político, pretendendo dizer que se tratava de algo óbvio e rasteiro. Rastaquera é nome que só se aplica a pessoas e designa o novo rico que exibe riqueza e ostenta luxo, ou, por extensão, o indivíduo rude, ignorante.

5) **À distância** – A expressão *à distância* é sempre com o acento grave, segundo lição com abundantes exemplos de bons escritores do sempre excelente Adriano da Gama Kury, no seu livro **Ortografia, pontuação, crase** (3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira1999, p. 110-112). Leiamo-lo: "Muitos gramáticos, sem levar em conta o uso bastante generalizado, querem que a locução *à distância*, quando indeterminada, se escreva sem acento: este só caberia, a seu ver, quando a locução viesse determinada, p. ex.: 'à distância *de um metro*', ou, como escreveu Machado de Assis, 'à distância *de um fio de cambraia*' (*Brás Cubas*, cap. CIII)." O autor lembra que *à distância* equivale a *na distância* (onde aparecem preposição e artigo): "Um relógio, *na distância*, bateu dez horas." "Uma torre branca e aguda apontou *na distância*, furando o céu." (Exemplos, entre outros, apresentados pelo Autor.) Para Adriano da Gama Kury, as locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas no feminino têm o acento

grave, mesmo que não haja crase. Expressões como: escrever à tinta (a lápis), comprar à vista (a prazo), matar à faca, à bala (a canivete, a tiro) são exemplos de acento grave em locuções femininas, sem crase. A crase é a fusão de duas vogais iguais. Não se deve confundir o acento grave com o fenômeno da fusão das duas vogais iguais. Pode haver, portanto, acento grave sem crase nas locuções femininas como: à baila, à beça, à exceção de (cf. com exceção de), à farta, à frente de (cf. em face de), à grande, à larga, à proporção que, à queima-roupa, à tarde (cf. de tarde), à traição, à unha, à vontade, às claras, às direitas, às escondidas, às ordens, às vezes (cf. por vezes; esp.: a veces), etc.

6) **Elas por elas** – A expressão *elas por elas*, variante de *ela por ela*, de curso em Portugal, é uma locução adverbial, como a bem classificou o **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**, de Laudelino Freire (Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, vol. III, s.v.: ela por ela). Isso significa que *elas por elas* não pode exercer função subjetiva, mas adverbial. O verbo não concorda com a expressão, como, aliás, registra o **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**, de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso (9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951, s.v. *ela*), que originou o **Dicionário** Aurélio que, aliás, repete o exemplo: "Se mexer comigo, terá o troco: é elas por elas."

7) **Apreender** – Há uma tendência, na mídia, a usar o verbo *apreender* para pessoas: o menor foi apreendido, os bandidos foram apreendidos, etc. O verbo *apreender* significa: a) assimilar, captar (Foi difícil apreender o sentido daquelas palavras.); b) fazer apreensão de, pegar (Apreendeu-lhe os cigarros para que não fumasse.); c) sentir preocupação, inquietar-se – sentido figurado pouco usual (Sua alma apreendia-se com aqueles maus pressentimentos.); d) tomar posse por direito, confiscar (A polícia apreendeu o contrabando de cocaína). Os significados e os exemplos entre parênteses são retirados do verbete *apreender*, do **Dicionário** Houaiss. Embora *apreender* possa ser sinônimo de *prender* (como está no Aurélio), não é usado

para pessoas. Soa estranho que um menor seja apreendido e não preso ou detido, como se fora mercadoria... Infelizmente, a expressão equivocada está na lei, e as leis nem sempre são feitas por quem conhece bem a língua...

8) **Gols** – O **Dicionário** Houaiss, no verbete *gol*, registra o plural *gols* como "barbarismo consagrado pelo uso" e ensina que os plurais adequados devam ser *goles* e *gois*, com a vogal tônica fechada. Ora, todos os vocábulos oxítonos do português atual terminados em –ol têm a vogal tônica aberta: anzol, lençol, futebol, sol, terçol, atol, etc. Seus plurais, sem exceção, têm a vogal tônica também aberta: anzóis, lençóis, futebóis, sóis, terçóis, atóis, etc. Ora, *gol* tem a vogal fechada, constituindo-se numa exceção, o que nos leva a crer que se trata do inglês *goal* com a ortografia portuguesa. O plural *gols* não é um barbarismo, mas o próprio vocábulo inglês graficamente adaptado. A forma *rol* ("lista") origina-se possivelmente do francês *rôle*, com a tônica fechada. A vogal aberta de *rol* é um atestado da perfeita incorporação do empréstimo aos padrões fonológicos do português. O plural *gois*, com a vogal fechada, é que seria um barbarismo, uma forma hipotética, jamais usada ou documentada. O plural adequado deveria ser *golos* (cf. bolo/bolos, rolo/rolos), de curso em Portugal, e não *goles* (com a vogal tônica fechada),como sugere o dicionário Houaiss.

9) **Seu** – A forma *seu*, antes de nome próprio (*Seu José*) ou de xingamento (*seu bobo*) não é um emprego diferente do possessivo, como sugerem alguns gramáticos, mas uma das muitas formas de *senhor*. *Seu* é forma átona, usada em posição proclítica, resultante da ditongação da forma tônica *seô*, substituída por *siô*, mas encontradiça em castelhano: *seô*, segundo Antenor Nascentes (O tratamento de "Senhor", no Brasil. **Revista de Cultura**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 128, 1937, p.69). *Seô*, por sua vez, seria resultante de *senhor*, por um processo de desnasalização e despalatalização, com apócope do –r final. De *siô* proveio *siá*, assim como de *sinhô* proveio *sinhá*. A forma equivalente a *sô* e *seu* é *sá*. *Sua*, em expressões como *sua boba*, *sua atrevida*, e equivalentes

(nunca, contudo, antes de nome próprio), é fruto da analogia com o possessivo. Celso Cunha, em sua **Gramática do português contemporâneo** (Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970, p. 41 e 211), não considera, com justa razão, que *seu* (= senhor) seja extensão do emprego do possessivo, mas uma das muitas formas de *senhor*. A explicação, portanto, é a seguinte: *senhor* daria *seô*; *seô*, por hiperbibasmo (deslocamento do acento tônico), daria *sêo*, que se teria ditongado em *seu*. O feminino *sua* se faria por analogia com o possessivo. A forma *siô*, oriunda de *seô*, originaria *sô*. O feminino *sá* se formaria a partir de *sô*.

10) **Obséquio** – O grafema < s > depois de < b > tem sempre o som de /s/, como em *observar*, *subsídio*, *absorver*, *subsolo*, *subsistência*, etc. A pronúncia viciosa de *subsistência*, com o < s > soando /z/, parece-me analogia com *existência*, em que o < x > tem o valor de /z/, mas a pronúncia /subzídyu/ por /subsídyu/ não me parece ter nenhuma justificativa, apesar de generalizar-se gradualmente, sobretudo nos meios jurídicos, políticos e econômicos. Há um vocábulo, contudo, em que o < s > após o < b > soa corretamente /z/: *obséquio*. Por quê? *Obsèque*, em francês, aparece documentado no singular a partir de 1160. No plural, documenta-se em 1398, segundo Albert Dauzat et alii (**Nouveau dictionnaire étymologique et historique**. Paris: Larousse, 1964, s.v. *obsèques*.), com o sentido de "serviço fúnebre", mas continuou sendo usado no singular até o séc.. XVI, quando apenas a forma plural permaneceu. No plural, *obsèques* se origina de *obsequiae*, alteração do latim clássico *exsequiae*, por cruzamento com *obsequia* ("cortejo"), plural neutro de *obsequium* ("serviço"), do verbo *obsequi* ("ceder a, obedecer"), composto de *sequi* (seguir), segundo Bloch e Wartburg (**Dictionnaire étymologique de la langue française** 6.ed. Paris: Presses Universitaries de France, 1975, s.v. *obsèques*). Tudo leva a crer, portanto, que a pronúncia de *obséquio* (em que o < s > soa /z/) se deva a um cruzamento com *exéquias*, em que o < x > soa /z/. Repare-se que o português antigo *obséquias* tem o mesmo sentido de *exéquias*: cerimônia fúnebre.

11) **Qualquer** – O indefinido *qualquer*, quando precedido de artigo indefinido ou posposto ao nome, tem um sentido pejorativo: Ele é um (homem) qualquer. Há atualmente uma tendência generalizada a usar *qualquer* como sinônimo de *nenhum*, em frases negativas. *Qualquer* não é sinônimo de *nenhum*. Em frases negativas, seu sentido pode ser interpretado como positivo, de exceção: Não tive qualquer participação no caso = minha participação existiu, mas foi especial, não foi uma qualquer. Não tenho qualquer dúvida = tenho dúvida, mas minha dúvida é especial, não uma qualquer. O ideal é evitar o emprego de *qualquer* com o sentido de *nenhum*.

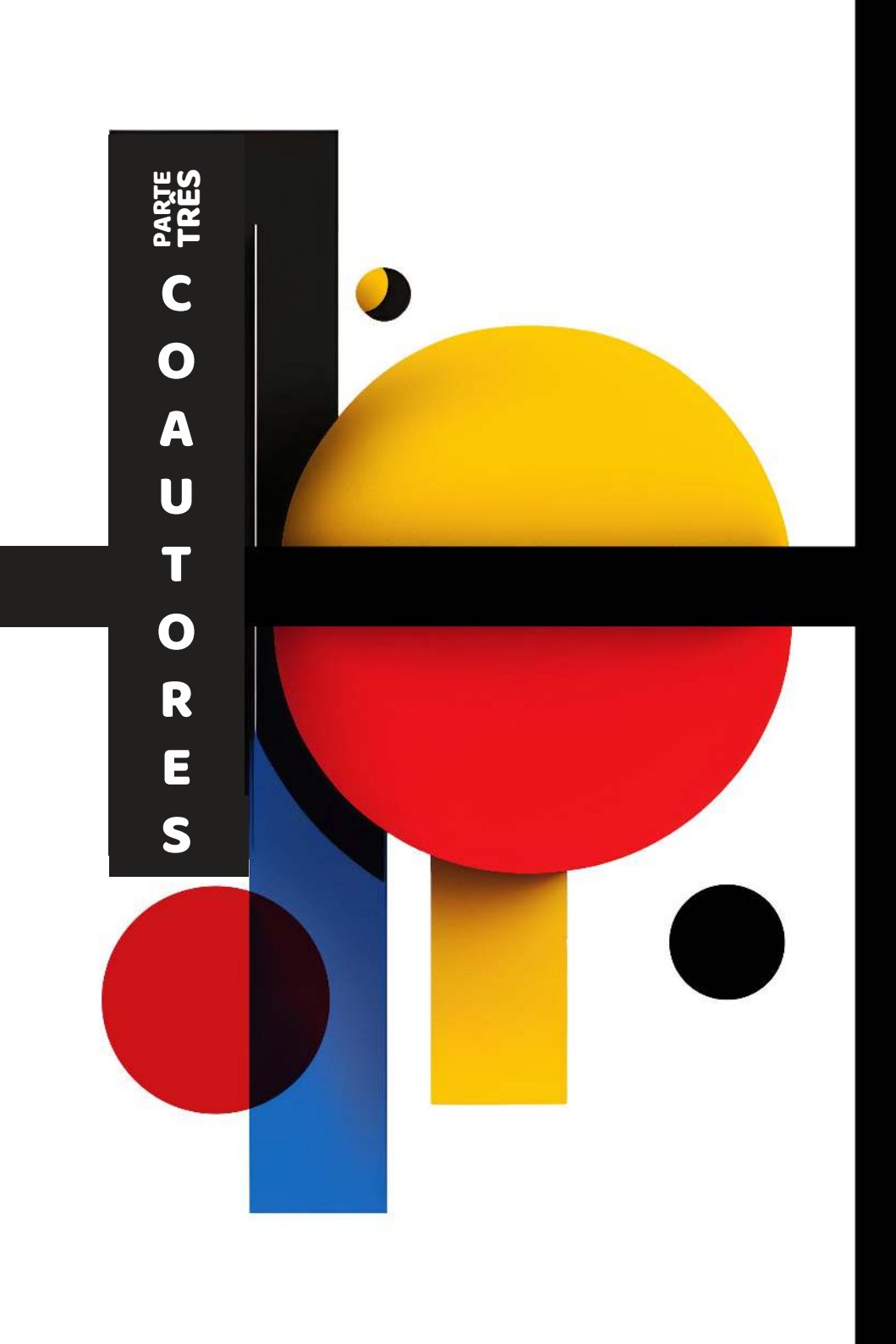
12) **Colocação pronominal** – Há uma tendência atual de ensinar a ênclise em orações subordinadas, quando há pausa entre a conjunção subordinativa (ou o pronome relativo) e o verbo. Parece que essa lição se originou a possibilidade de haver ênclise mesmo após um item que exigiria a próclise, quando existe pausa entre o termo que atrai o pronome e o verbo da oração. Mas essa regra, consensual entre os gramáticos, só se aplica a períodos simples ou a orações coordenadas, em que a coordenação não se faça entre subordinadas. É o que dizem Celso Cunha e Lindley Cintra, em sua **Nova gramática do português contemporâneo** (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 304): "Observe-se por fim que, sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE: 'Pouco depois, detiveram-se de novo' (Ferreira de Castro)." Mas essa lição refere-se a períodos com um único verbo. Ao referirem-se às orações subordinadas, com um único verbo ou com perífrase verbal, esses dois autores são taxativos, quando dizem que se usa obrigatoriamente a próclise "nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta: "O sufrágio que me vai dar será para mim uma consagração" (E. da Cunha, Id. Ib. p. 306). Quando expõe o critério de que não se pospõe o pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada, Evanildo Bechara observa que, às vezes, pode ocorrer a ênclise quando há pausa entes

do verbo, mas esclarece que são "esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele [do critério exposto] se afastam (BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 589). Rocha Lima, em sua **Gramática normativa da língua portuguesa** (15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 418), diz que é obrigatória a próclise nas orações subordinadas, haja ou não pausa entre o termo subordinativo e o verbo da oração, mesmo que a conjunção não esteja expressa: 'Espero (que) me atendas sem demora."

Desviam-se, portanto, da norma culta gramáticos e professores que usam a ênclise em oração subordinada, mesmo que haja pausa entre o verbo e o elemento subordinativo.

PARTE TRÊS

COAUTORES





SOBRE OS COAUTORES





ADELTO GONÇALVES

Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Publisher Brasil, 2002), *Fernando Pessoa: a Voz de Deus* (Santos, Editora da Unisanta, 1997), *Os Vira-latas da Madrugada* (Livraria José Olympio Editora, 1981, Letra Selvagem, 2015), *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797* (Imesp, 2019).



ARTURO GOUVEIA

Mestrado em Letras (Universidade Federal da Paraíba) e Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada, USP). Professor de literatura da Universidade Federal da Paraíba. Autor do romance "Canibalismo de outono" e dos livros de conto "O lapso de Shakespeare" e "À luz da cegueira".



CÍCERO ÉMERSON DO N. CARDOSO
Doutor em Letras (UFPB). Mestre em Letras - Literatura e Cultura (UFPB). Publicou "Breve Estudo Sobre Corações Endurecidos' (2011), 'Romanceiro do Norte Juazeiro' (2014), 'A Revolta de Antonina' (2015), 'O Casarão Sem Janelas' (2018), 'O Baile das Assimetrias' (2022) e 'Jornadas' (2023). É um dos organizadores dos livros: 'Antologia Poética - Escritores do Cariri' (2019) e 'Poemates Rosarvm' (2019).



ESTER ABREU V. DE OLIVEIRA
Professora e escritora, Mestrado em Língua Portuguesa (PUC/Paraná). Doutorado em Letras Neolatinas (UFRJ) e Pós-Doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Con-temporâneo (UNED/Madri). É autora de *La Magia de lo Verosímil* (Opção, 2023), *A magia do Verossímil* (Opção, 2023), *O mito de Don Juan e sua relação com Eros e Tanathos* (Opção, 2013), *Ensaios sobre dramaturgia: do clássico ao contemporâneo* (Opção, 2018) e dos textos infantis: *O colehinho e a onça* e *Histórias do solar da vovó (bilíngue*, Cajuína, 2023).



FLÁVIO R. KOTHE
Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) - USP), Pós-doutorado nas universidades de Yale, Heidelberg, Berlim, Konstanz, Bonn, Frankfurt. Atua principalmente em teoria literária, literatura comparada, tradução, narrativa trivial, cânone brasileiro, mas hoje se dedica sobretudo a questões de estética, filosofia da arte, arte comparada, semiótica da cultura. É autor de *Benjamin & Adorno: confrontos* (Cajuína, 2020), *Crimes no campus: novela de detetive* (Cajuína, 2023) e *Alegoria, aura e feitiche* (Cajuína, 2023).



JOEL CARDOSO

Pós-Doutor em Artes (Literatura & Cinema - UFF/RJ), Doutor em Letras: Literatura Brasileira e Intersemiótica (UNESP-SJRP/SP), Mestre em Letras: Teoria da Literatura (UFJF). É pesquisador das Poéticas da Modernidade, transitando pelas áreas de Letras, Comunicação e Artes. Autor dos livros "Nelson Rodrigues: da palavra à imagem" (Intercom, SP). "Suite em sol menor: um percurso em luz e sombra, movimento e fantasia - Memorial" (Ed. Opção, 2019).



JOSÉ AUGUSTO CARVALHO

Mestre em Linguística (Unicamp) e Doutor em Letras (USP). É autor de várias obras sobre língua portuguesa, como: *Crônicas linguísticas* (Cajuína, 2020), *De língua e linguística* (Cajuína, 2022), *Gramática superior da língua portuguesa*, *Manual de pontuação, Crônicas linguísticas, Problemas e curiosidades da língua portuguesa*.



LUIZ EDUARDO DE CARVALHO

Foi professor, publicitário e assessor de imprensa, jornalista e gestor cultural nos âmbitos público, particular e do terceiro setor. Dedica-se exclusivamente à produção literária desde 2015, já recebeu mais de 90 prêmios literários e publicou, entre outros: *Sessenta e Seis Elos, Xadrez, Quadrilha, Evoé, 22!, Um Conto de Ré*is (e de Rainhas), *Crônicas do Ofício* e *Cabra Cega*.



RODRIGO DA COSTA ARAUJO
Mestre em Ciência da Arte (UFF), Professor de Teoria da Literatura, Literatura infantojuvenil e Arte Educação (FAFIMA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Decadentismo, artes, semiótica e literatura, códigos e linguagens, literatura e cinema, literatura infantojuvenil. Organizador e coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces* e *Leituras em Educação lançadas recentemente pela Editora Opção*.



WILBETT OLIVEIRA
Poeta, editor, Pós-Graduado em Literatura Brasileira. Publicou *Leituras de Textos Literários* (Cajuínas, 2022), *Melhorando a Redação do Texto Acadêmico* (Cajuína, 2022) e *Despalavrares* (Cajuína, 2023).

CRÉDITO DAS IMAGENS

PÁGINA 4
Jovem de óculos lendo um livro em uma aconchegante sala de estar
[Imagem de Luizclas no Freepik.com]

PÁGINA 6
Mulher escrevendo em seu diário
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 10
Renderização 3D da caneta
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 78
Jovem lendo no manhã
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 80
Adolescente à luz do projetor de filme
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 96
Vista superior sobre as pecas tipográficas
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 108
Mulher idosa segurando um livro com borboletas mágicas
[Imagem de Freepik.com]

PÁGINA 122
Fundo de cor pastel na moda
[Imagem de Freepik.com]



editora
cajuína
Publicado em outubro de 2023